



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Carolina Bettencourt da Silveira

**VINCULAÇÃO E BEM-ESTAR PSICOLÓGICO:
CONTRIBUTOS DA PERSONALIDADE E DAS
MEMÓRIAS PRECOSES DAS PRÁTICAS
EDUCATIVAS PARENTAIS NA VIDA ADULTA**

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia,
área de especialização em Educação, Desenvolvimento e
Aconselhamento, orientada pelo Professor Doutor Joaquim
Armando Ferreira

Outubro de 2020

Agradecimentos

Quero agradecer a todos aqueles que, de uma forma direta ou indireta, contribuíram para que a realização deste estudo se tornasse uma realidade.

Começo por agradecer aos meus pais, que apesar dos contratemplos não duvidaram que conseguiria aqui chegar, foram fundamentais e ajudaram-me a manter o foco e a motivação.

Quero também agradecer ao Professor Joaquim por toda a ajuda e disponibilidade, pelos esclarecimentos e conhecimentos transmitidos e por me auxiliar na resolução dos problemas que foram surgindo.

Às minhas amigas, que animam os meus dias pouco esperançosos, dando-me alento para continuar.

Por último, mas não menos importante, muito obrigado a todos os que dispensaram algum do seu tempo para preencher os questionários utilizados nesta investigação, sem vocês era impossível terminar esta etapa.

Resumo

A presente investigação teve como objetivo geral analisar a relação existente entre vinculação (avaliada pela Escala de Vinculação no Adulto) e bem-estar psicológico (utilizando as Escalas de Satisfação com a Vida e de Autoestima), bem como compreender os contributos da personalidade e das memórias precoces das práticas educativas parentais para a vinculação e para o bem-estar psicológico na idade adulta. Neste estudo participaram 212 adultos com idades compreendidas entre os 18 e os 71 anos, através da resposta a um formulário online elaborado no Google Forms. Dos participantes, 137 são do sexo feminino, 74 do sexo masculino e 1 identifica-se com outro tipo. Do formulário aplicado fazem parte um questionário sociodemográfico, de forma a recolher informações pessoais importantes para este estudo, a Escala de Vinculação no Adulto, a Escala de Satisfação com a Vida, a Escala de Autoestima, o Inventário de Personalidade – Big Five Inventory e a Escala de Memórias Precoces das Práticas Educativas Parentais. Os resultados revelaram associações significativas entre a vinculação e a personalidade, bem como entre vinculação e memórias precoces das práticas educativas parentais. A vinculação ansiosa apresenta uma correlação muito significativa com o neuroticismo, a vinculação de proximidade demonstra estar associada com memórias precoces de suporte emocional paterno, extroversão, amabilidade e neuroticismo, sendo a última associação negativa. A vinculação segura também tem uma associação significativa com as memórias precoces paternas de suporte emocional, assim como a amabilidade e o neuroticismo, sendo que a correlação do neuroticismo com a vinculação segura é negativa. Existem ainda associações significativas entre a satisfação com a vida e nível socioeconómico, personalidade (neuroticismo) e memórias precoces de suporte emocional materno e crítica/rejeição paterna. As dimensões da personalidade extroversão, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência demonstram explicar a autoestima, assim como as memórias precoces maternas relacionadas com crítica e rejeição. No final do presente trabalho referem-se as principais conclusões e enunciam-se as limitações principais da investigação desenvolvida. Sugerem-se, ainda, linhas para o desenvolvimento de futuras investigações neste domínio.

Palavras-chave: Vinculação no Adulto, Bem-Estar Psicológico, Personalidade, Memórias Precoces das Práticas Educativas Parentais

Abstract

The present investigation had as general objective to analyze an existing relationship between attachment (evaluated by the Adult Attachment Scale) and psychological well-being (using Life Satisfaction and Self-Esteem Scales), as well as understanding the contributions of personality and early memories of parenting practices for attachment and psychological well-being in adulthood. In this study participated 212 adults aged between 18 and 71 years old, by responding to an online form prepared on Google Forms. Of the participants, 137 are female, 74 are male and 1 identifies with another type. The form includes a sociodemographic questionnaire, in order to collect important personal information for this study, the Adult Attention Scale, the Life Satisfaction Scale, the Self-Esteem Scale, the Personality Inventory - Big Five Inventory and the Scale of Early Memories of Parenting Practices. The results revealed related associations between attachment and personality, as well as between attachment and early memories of educational parenting practices. The anxious attachment has a very significant correlation with neuroticism, the proximity attachment is associated with early memories of paternal emotional support, extraversion, kindness and neuroticism, the last association between neuroticism and proximity attachment is a negative one. Secure attachment also has an association with father's emotional support memories, kindness and neuroticism, the correlation between neuroticism and secure attachment is negative. There are still significant links between satisfaction with life and socioeconomic level, personality (neuroticism) and early memories of maternal emotional support and paternal criticism / rejection. The dimensions of personality extraversion, conscientiousness, neuroticism and openness to experience seems to explain self-esteem as well as early maternal memories related to criticism and rejection. At the end of the present work, the main conclusions are mentioned and the main limitations of the research developed are stated. It is also suggested lines for the development of future research in this field.

Keywords: Adult Attachment, Psychological Well-Being, Personality, Early Memories of Parenting Practices

Índice

| | |
|---|----|
| I- Enquadramento Concetual..... | 6 |
| 1.1. Vinculação e Bem-Estar Psicológico..... | 7 |
| 1.2. Autoestima, Personalidade, Memórias Precoces das Práticas Educativas Parentais e Bem-Estar Psicológico | |
| 1.2.1. Autoestima e Bem-Estar Psicológico..... | 13 |
| 1.2.2. Personalidade e Bem-Estar Psicológico..... | 15 |
| 1.2.3. Memórias Precoces das Práticas Educativas Parentais e Bem-Estar Psicológico..... | 17 |
| II- Objetivos e Hipóteses..... | 18 |
| III- Metodologia | |
| 1. Caracterização da Amostra..... | 20 |
| 2. Caracterização dos Instrumentos..... | 20 |
| 2.1. Questionário Sociodemográfico..... | 20 |
| 2.2. Questionário de Autoestima..... | 21 |
| 2.3. Escala de Satisfação com a Vida (SWLS)..... | 21 |
| 2.4. Memórias de Infância (EMBU)..... | 22 |
| 2.5. Escala de Vinculação do Adulto (EVA)..... | 23 |
| 2.6. Big Five Inventory (BFI)..... | 24 |
| 3. Procedimentos | |
| 3.1. Procedimentos de Recolha de Dados..... | 25 |
| 3.2. Procedimentos de Análise de Dados..... | 25 |
| IV- Resultados | |
| 1. Análise Descritiva..... | 26 |
| V- Discussão e Conclusão..... | 47 |
| Referências Bibliográficas..... | 53 |

I-Enquadramento Concetual

O desenvolvimento é um conceito multidimensional constante que implica mudanças e depende de vários fatores (Blumberg, Freeman, & Robinson, 2010). Segundo Erikson (1950), está associada à hereditariedade, estado económico, ambiente, cultura, etnia e contexto histórico e estas dimensões caracterizam as nossas diferenças individuais (Piaget, 1964; Bowlby 1958; Ainsworth 1978; Erikson, Paul, Heider & Gardner 1959; Bandura, 1986, 2002; Ceci & Bronfenbrenner 1985).

Podemos desdobrar o desenvolvimento em estádios que começam quando nascemos e terminam na velhice. Este dá-se segundo um plano base a partir do qual se adicionam partes produzindo um todo em funcionamento, dependente das relações pessoa-meio, sendo que o mais importante se prende com a forma como o sujeito percebe o ambiente (Bronfenbrenner, 1994).

Sabemos que o desenvolvimento do indivíduo é influenciado pelas interações, bem como pela vinculação na infância e no adulto. Deste modo, é importante saber se existe alguma relação entre a vinculação e o bem-estar psicológico, assim como entre o bem-estar psicológico e dimensões com a autoestima, a personalidade e as memórias precoces das práticas educativas parentais.

As experiências precoces explicam as relações de vinculação que estabelecemos (Erikson, 1950), bem como as memórias que temos destas influenciam o nosso bem-estar, nomeadamente sentimentos de insegurança que têm origem nas experiências repetidas que tivemos no passado, com as nossas figuras de vinculação, onde estas não conseguiam aliviar o medo e a ansiedade (Soares, 2001).

Deste modo, a presente investigação propôs-se a estudar e analisar de que forma a vinculação e o bem-estar psicológico estão associados à autoestima, à personalidade e às memórias precoces das práticas educativas parentais. Relativamente à estrutura, este estudo encontra-se dividido em cinco partes. No primeiro momento será feito o enquadramento teórico, onde se apresenta uma

revisão da literatura relativamente à relação existente entre vinculação e bem-estar psicológico e entre estas e as dimensões personalidade e memórias precoces das práticas educativas parentais. De seguida são descritos os objetivos desta investigação, tal como as hipóteses em estudo. A terceira parte visa apresentar a metodologia da investigação com a caracterização da amostra e dos instrumentos utilizados, bem como a descrição dos procedimentos de recolha e análise de dados. Na quarta parte serão apresentados os resultados das hipóteses em estudo e na quinta parte serão discutidos esses mesmos resultados, assim como conclusões, pontos fortes, limitações e algumas sugestões para investigação futuras.

1.1. Vinculação e Bem-Estar Psicológico

O estudo da relação de vinculação teve o seu início no final da 2ª Guerra Mundial, com o surgimento de interesse relativamente aos efeitos, no desenvolvimento da criança, da perda e separação da figura de vinculação (Guedeney & Guedeney, 2004). A relação existente entre a criança e a figura de vinculação/cuidador faz com que a primeira desenvolva um modelo interno/imagem mental de si e das relações estabelecidas com os outros. Este modelo criado influencia a forma como o sujeito interpreta o mundo que o rodeia e as relações que virá a estabelecer. Para além disso, interfere no comportamento e nos sentimentos do mesmo (Bowlby 1973; Main et al. 1985).

Ainsworth de forma a estudar e avaliar esta relação, começou a observar as reações das crianças, num certo espaço, aquando da presença e ausência da figura de vinculação, denominando esta experiência de “situação estranha”. O principal objetivo é perceber de que forma a criança lida e explora o ambiente na presença da mãe e como reage à sua saída, à entrada de uma pessoa estranha e ao retorno da figura de vinculação. Deste modo foi possível identificar vários

tipos de vinculação: vinculação segura, vinculação insegura ansiosa/ambivalente, vinculação insegura evitante, e ainda, uma combinação destas duas.

As crianças com uma vinculação segura percebem a mãe como uma base segura, isto é, como disponível para confortar, ajudar e responder em caso de necessidade ou perigo (Weinfield et al., 2008). Esta relação faz com que a criança se sinta confortável em explorar o ambiente circundante e permita que a mãe o console, aquando do seu retorno, revelando experiências relacionais positivas passadas em vários contextos (Ainsworth et al., 1978). Por outro lado, as crianças com uma vinculação do tipo inseguro não consideram a mãe/figura de vinculação disponível e capaz para dar resposta às suas necessidades. Uma vez que as interações não são consistentes, a criança não consegue prever o comportamento da figura de vinculação (Weinfield et al., 2008).

As crianças com uma vinculação do tipo ambivalente, por norma, não se sentem confortáveis em explorar o ambiente, pelo que ficam mais ansiosas quando a mãe sai da sala, sentindo angústia e podendo chorar durante muito tempo. Porém, não se acalmam quando a mãe entra novamente, nem procuram a sua proximidade, rejeitam-na. No caso da vinculação evitante, a criança não chora nem demonstra estar angustiada quando a mãe sai, continuando a exploração normalmente. Com o retorno e tentativa de interação por parte da mãe, a criança ignora e evita a proximidade. Esta reação pode ser vista como uma forma de lidar com o conflito que esta sente (Ainsworth et al., 1978).

Pode dizer-se que os comportamentos de vinculação mais precoces tendem a ser direcionados à mãe, enquanto figura de vinculação. Contudo, com o passar do tempo, a criança começa a vincular-se a outras figuras importantes, como o pai (Bowlby, 1982).

Os pais devem ser uma base segura, ou seja, uma base de onde a criança pode sair para explorar o mundo e aprender e para onde pode voltar quando quiser e necessitar, com a certeza de que será bem recebida e tranquilizada se estiver angustiada. Devem, desta forma, estar disponíveis para responder quando

necessário e encorajar a criança na sua descoberta, contudo, só devem intervir quando for necessário, numa situação de perigo (Bowlby, 1988).

Podem ser consideradas duas dimensões na vinculação, a dimensão ansiosa e a evitante. Na vinculação segura, o sujeito normalmente apresenta níveis baixos nas duas dimensões. Pelo contrário, no tipo de vinculação insegura ansiosa-evitante observam-se níveis elevados nas duas dimensões. Relativamente à vinculação insegura apenas ansiosa, o nível de ansiedade tende a ser elevado e o de evitamento baixo e na vinculação insegura evitante ocorre o oposto (Ainsworth et al., 1978).

As relações afetivas negativas desenvolvidas na infância contribuem para que o sujeito seja mais suscetível de desenvolver algum problema de saúde mental (Canavarro, 1999).

A teoria da vinculação postula que a natureza e a qualidade das relações que desenvolvemos ao longo da vida adulta estão dependentes das nossas experiências na infância, a nível afetivo (Bowlby, 1973; Collins & Read, 1990; Hazan & Shaver, 1994). Podemos considerar a vinculação no adulto, uma vez que a sua natureza é semelhante à da que se estabelece na infância, havendo uma propensão para o sujeito procurar e manter a proximidade a certas figuras de vinculação que considera que lhe trarão segurança, quer a nível psicológico, quer a nível físico (Canavarro, 1999, p. 121).

Os indivíduos com uma vinculação evitante costumam estabelecer relações onde domina o medo da intimidade e o ciúme. Já os que têm uma vinculação ansiosa são dominados por pensamentos obsessivos relacionados com a perda e o abandono, desejo de posse perante o outro e ciúme exagerado (Hazan & Shaver, 1987).

Os sujeitos que apresentam uma vinculação segura tendem a desenvolver uma imagem mental de si mesmos considerada amigável, amável e capaz, e a perceber as figuras de referência como disponíveis para ajudar e responder às suas necessidades de apoio, afeto e confiança (Bartholomew & Horowitz,

1991; Mikulincer & Shaver, 2009). Esta vinculação está ligada a emoções positivas, a alta satisfação nas relações amorosas e a uma procura por apoio social (Collins & Feeney, 2004; Gleeson & Fitzgerald, 2014; Öztürk & Mutlu, 2010). Para além disso, conseguem envolver-se em relações mais íntimas e sentir-se bem com esta dependência mútua (Bartholomew & Horowitz, 1991; Mikulincer & Shaver, 2009).

Kazan e Shaver (1987; Shaver & Hazan, 1988; Shaver et al., 1988) sugerem que as primeiras relações, na infância, influenciam os relacionamentos amorosos estabelecidos na idade adulta. Mais que isso, postulam que relações de amor romântico são uma forma de vinculação, semelhantes às que se estabelecem na infância entre a criança e a figura de vinculação (Collins & Read, 1990).

Numa relação de cariz amoroso, a atração e envolvimento que o sujeito sente prende-se com o facto de este entender esta proximidade, física e emocional, como possível de satisfazer as suas necessidades (Hazan & Shaver, 1994; Pietromonaco & Barrett, 2000). As relações de vinculação não se restringem à infância, mas acontecem ao longo do desenvolvimento do sujeito. A relação de vinculação em jovens adultos é de natureza recíproca, ou seja, há o objetivo de satisfazer as necessidades de ambos, alternadamente, através da prestação e da receção de cuidados (Crowell et al., 1999; Hinde, 1997; Hinde & Stevenson-Hinde, 1986, Weiss, 1982, cit in Canavarró et al., 2006).

Hazan e Shaver (1987) desenvolveram o trabalho de Ainsworth et al. (1978) desenvolvendo uma tipologia adequada às relações no adulto e definindo três tipos de vinculação. Foi pedido a indivíduos que escolhessem a categoria que melhor os descrevia, sendo as opções segura, ansiosa e evitante. Concluiu-se que adultos seguros se sentem desejados e acreditam nas boas intenções dos outros, enquanto parceiros seguros têm relacionamentos felizes, onde existe amizade e confiança. Por outro lado, foi também possível concluir que os adultos ansiosos duvidam mais de si e não se sentem compreendidos, fazendo parte de relacionamentos amorosos conturbados a nível emocional, com ciúme e preocupação excessiva/obsessiva (Collins & Read, 1990).

Sujeitos com uma vinculação ansiosa têm modelos internos positivos em relação aos outros, tidos como benevolentes, porém desenvolvem modelos negativos a respeito deles próprios, pelo que não se julgam merecedores de afeto. Para além disso, estes sujeitos receiam não ser desejados ou que os abandonem, o que os leva a procurar proximidade e aprovação (Bartholomew & Horowitz, 1991; Collins & Read, 1990; Mikulincer & Shaver, 2009, cit in Marrero, 2018). Tendem, ainda, a perceber as suas relações como mais conflituosas (Campbell et al., 2005).

Pelo contrário, verifica-se que indivíduos com uma vinculação evitante apresentam modelos internos negativos relativamente aos outros, mas positivos em relação a si. É então provável que tenham dificuldade em confiar nos outros, uma vez que apresentam uma imagem negativa destes. Por outro lado, é também expectável que sejam confiantes na sua capacidade de enfrentar os obstáculos que possam surgir ao longo da vida (Bartholomew & Horowitz, 1991; Mikulincer & Shaver, 2013).

Os indivíduos com uma vinculação ansiosa e de evitamento demonstram níveis mais baixos de apoio social e percebem o parceiro como pouco responsivo (Mikulincer & Shaver, 2009; Morrison et al., 1997; Segal & Fraley, 2015; Vogel & Wei, 2005).

As relações que os sujeitos experienciam ao longo da vida têm impacto no ajustamento destes, bem como no bem-estar psicológico. O tipo de vinculação interfere no desenvolvimento de competências de regulação emocional (Mikulincer & Shaver, 2007; Soares & Dias, 2007).

O bem-estar psicológico comporta seis dimensões para um bom funcionamento do indivíduo. Estas referem-se à autonomia, ao propósito na vida, à autoaceitação, ao crescimento pessoal, ao domínio ambiental e aos relacionamentos positivos (Ryff, 1989).

A autonomia está relacionada com a autodeterminação, independência, ajustamento do comportamento, capacidade de lidar com a vida e com as

exigências do exterior. O propósito na vida associa-se à saúde mental, esta dimensão relaciona-se com a autorrealização, percepção de ter um propósito na vida, assim como objetivos. A autoaceitação remete para a capacidade que o indivíduo tem de se aceitar e de ter uma visão positiva relativamente a si, à sua identidade e às suas experiências passadas. Podemos considerar a autoaceitação como atualização pessoal, maturidade e funcionamento ótimo (Ryff, 1989). A dimensão de crescimento pessoal prende-se com a capacidade de abertura à experiência, sentimento de desenvolvimento constante e tentativa de autorrealização (Queroz & Neri, 2005). Relativamente à dimensão das relações positivas com os outros, esta está relacionada com a tendência do sujeito para se envolver em relacionamentos que o satisfaçam e façam sentir seguro e confortável (Machado, 2012). Por último, o domínio ambiental prende-se com a capacidade para gerir o ambiente de forma a conseguir satisfazer as suas necessidades individuais e respeitar os seus valores. O sujeito deve ser capaz de liderar o ambiente que o rodeia e sentir-se parte dele (Ryff, 1989).

Uma vida com significado associa-se a uma vinculação do tipo seguro (López et al., 2015). Em adultos mais velhos, a vinculação ansiosa e evitante têm uma relação inversa com todas as dimensões, menos com a autonomia (Homan, 2016).

1.1. Autoestima, Personalidade, Memórias Precoces das Práticas Educativas Parentais e Bem-Estar Psicológico

1.2.1. Autoestima e Bem-Estar Psicológico

A autoestima pode ser definida como o que o sujeito pensa acerca de si e do seu valor. É um conjunto de sentimentos e pensamentos do sujeito, relativos à sua competência, valor e adequação, que podem originar uma atitude positiva ou negativa perante si mesmo. O desenvolvimento da autoestima relaciona-se com as experiências relacionais do sujeito. Por exemplo, as avaliações dos outros sobre nós, as comparações, a percepção do sujeito relativamente ao que faz e o valor que atribui às dimensões do autoconceito (Rosenberg, 1965).

Podemos considerar três formas de autoestima: a global, a autoestima como sentimento e a autoestima como avaliação. A autoestima global (autoestima como traço) pertence a uma variável da personalidade que está relacionada com a forma como o sujeito se sente em relação a si próprio. Numa perspetiva cognitiva, é o valor que a pessoa decide que tem. Pode também ser considerada como a afeição que o sujeito sente por si, não originada por um julgamento racional. Tende a ser estável e há alguma probabilidade de existir uma componente genética relacionada com o temperamento e o neuroticismo. Por outro lado, a autoestima como sentimento (autoestima como estado) remete a uma face da autoestima mais temporária e suscetível de alterações, conforme os eventos da vida. Isto é, refere-se a reações emocionais de autoavaliação. Um exemplo desta situação é quando dizemos que a nossa autoestima diminuiu depois de um divórcio ou que aumentou depois de sermos promovidos. Por último, a autoestima como avaliação (autoestima específica do domínio) diz respeito à forma como o sujeito avalia as suas competências e atributos. Um sujeito que acredita nas suas capacidades relativas ao campo académico pode dizer que tem uma autoestima elevada nesse domínio (Brown & Marshall, 2006). Alguns autores defendem a autoestima como um traço, o que significa que é relativamente estável durante um certo período, e como um estado, sendo

resposta a certas situações da vida (Harter & Whitesell, 2003). No entanto outros autores defendem que o desenvolvimento da autoestima não é contínuo nem estável (Cole et al., 2001).

A qualidade da relação entre a criança e a figura de vinculação tem um papel fundamental na percepção que o sujeito tem de si e dos outros, tendo influência no desenvolvimento da autoestima (Rocha et al., 2011)

Segundo Coopersmith (1989), a crença relativamente ao seu valor tem impacto na forma como a pessoa se aceita e valoriza os outros, assim como influencia as metas traçadas e expectativas para o futuro, sendo um fator muito importante da autoestima (Bednar & Peterson, 1995).

A autoestima está associada à vinculação (Rosenberg, 1965). Indivíduos com vinculações seguras tendem a apresentar uma autoestima mais elevada do que os que apresentam uma vinculação insegura (Davila & Bradbury, 2001; Huntsinger & Luecken, 2004; Park et al., 2004). Para além disso, a autoestima dos sujeitos com uma vinculação insegura ansiosa tende a ser mais baixa que os sujeitos com uma vinculação insegura evitante, apesar de poder oscilar conforme a percepção que o sujeito tem dos seus relacionamentos, a certo ponto (Hepper & Carnelley, 2012). Os sujeitos com baixa autoestima, como geraram um modelo negativo relativamente a eles mesmos, costumam pôr em causa as suas capacidades, bem como a possibilidade de serem amados, o que os leva a procurar aprovação social para compensar o desespero sentido (Luke et al., 2004; Mikulincer & Shaver, 2007). Quando a criança desenvolve representações negativas sobre si e sobre os outros é mais provável que desenvolva uma perturbação psicológica (Bowlby 1973, 1980).

A noção de autoestima está relacionada com resultados favoráveis nos relacionamentos interpessoais e no desempenho académico (Trzesniewski, Donnellan, & Robins, 2003).

Segundo Bowlby (1971, 1973), a noção de self é desenvolvida desde cedo, derivada da relação de vinculação que estabelecem na infância. A criança tende

a desenvolver um modelo de funcionamento do self positivo, em que se percebe como alguém de valor e especial quando a figura de vinculação satisfaz as suas necessidades de proximidade emocional, de proteção e disponibilidade total. Pelo contrário, se estas necessidades não forem bem interpretadas pelo cuidador e as respostas não forem adequadas, é provável que se desenvolva um modelo de funcionamento do self negativo, fazendo com que a criança não se valorize, nem se sinta merecedora de amor (Verschueren, Marcoen, & Schoefs, 1996).

1.2.2. Personalidade e Bem-Estar Psicológico

Todas as dimensões da personalidade influenciam o bem-estar psicológico, sendo que o neuroticismo e a extroversão têm um impacto maior (Schmutte & Ryff, 1997). O fator extroversão influencia o crescimento pessoal e as relações positivas com os outros. Já a conscienciosidade e a amabilidade contribuem para as relações positivas com os outros e a abertura à experiência tem impacto no propósito na vida. Por outro lado, o neuroticismo tem uma relação inversa com a dimensão da autonomia (Grant et al., 2009; Schmutte & Ryff, 1997).

“O bem-estar é uma característica mais ou menos estável da personalidade, um estilo cognitivo sobre como o sujeito se relaciona consigo próprio (no seu raciocínio moral), com os outros e com as situações da vida quotidiana (na família, na escola ou emprego, na política, no desporto e noutras manifestações sócio-culturais). Contrasta com a solidão e a insatisfação com a vida” (Pinto, 2009, p.100).

A Teoria da Vinculação de Bowlby postula que a relação de vinculação e a personalidade estão relacionadas ao longo do desenvolvimento da criança. Isto é, as relações de vinculação contribuem, de facto, para a construção da personalidade (Hagekull & Bohlin, 2003; Kobak, 1994) e estão relacionadas com traços de extroversão, amabilidade e neuroticismo (Fransson et al., 2013; Shaver & Brennan, 1992; Surcinelli et al., 2010).

Sujeitos com uma vinculação segura apresentam um nível de amabilidade e extroversão elevado e baixo neuroticismo, em comparação com os que experienciam uma vinculação insegura (Shaver & Brennan, 1992). A abertura a ideias é um bom preditor de uma vinculação segura (Both & Best, 2017), assim como a extroversão e a abertura à experiência, sendo que a abertura se associa também a vinculações inseguras (Fransson et al., 2013).

Segundo Bowlby (1973), as expectativas relacionadas com futuras relações estão dependentes da relação de vinculação estabelecida na infância. Isto é, características como a esperança e o otimismo são influenciadas desde muito cedo (Shorey et al., 2003), sendo que o otimismo envolve várias componentes, emocionais, motivacionais e cognitivas e revela a propensão para esperar do futuro resultados positivos e favoráveis (Scheier & Carver, 1985).

A vinculação no adulto também influencia estas características, pelo que uma vinculação do tipo seguro permitirá ao sujeito ter uma base positiva que o ajuda a desenvolver sentimentos positivos, como a esperança, para atingir as suas metas futuras (McDermott et al., 2015).

1.2.3. Memórias Precoces das Práticas Educativas Parentais e Bem-Estar Psicológico

Os pais são os cuidadores com mais responsabilidade, pois geram e organizam os vários contextos em que os seus filhos se desenvolvem (Pereira, Goes, & Barros, 2015). Desta forma, as práticas parentais positivas estão relacionadas com as ligações afetivas precoces bem-sucedidas e permitem que a criança, no futuro, tenha a capacidade de amar e ser amada, bem como confiar nos outros e procurar proximidade (Relvas & Alarcão, 2002).

A parentalidade pode ser definida como o conjunto de atividades e ações dos pais em prol do desenvolvimento físico, psicológico e social da criança. Torna-se imprescindível que esta seja de qualidade para que se dê um bom desenvolvimento do sujeito (Barroso & Machado, 2010; Cruz, 2005).

Os pais podem ter uma influência significativa nas memórias dos filhos, principalmente nos anos pré-escolares, mas também na adolescência. As memórias a que acedemos com mais facilidade são consideradas importantes para a construção de um self coerente e tendem a fazer parte da história de vida do sujeito (Bohanek, Marin, Fivush, & Duke, 2006; Conway & Holmes, 2004; McAdams, 1993, 2001, cit in Tani et. al 2010). Podemos dizer que as memórias relativas aos pais dependem da interação existente entre a criança e os seus pais.

As memórias dão informação importante relativamente ao passado do sujeito e contribuem para a sua identidade, fazendo parte da sua personalidade (Peterson & Nguyen, 2010).

A qualidade da relação entre a figura de vinculação e a criança é perceptível a partir das suas memórias autobiográficas, assim como nas estratégias de autorregulação e bem-estar (Tani, Bonechi, Peterson, & Smorti, 2010).

Segundo Bowlby (1973,1980), os padrões de relacionamento com as figuras de vinculação em que se destacam a superproteção ou a rejeição estão relacionados com o desenvolvimento da ansiedade (Marrero et al. 2018).

A informação partilhada por adultos relativamente à sua história pessoal incluem memórias percebidas, crenças passadas com crenças atuais e teorias combinadas com o estado psicológico do sujeito (Fox, 1995).

Estudos apontam que uma vinculação insegura no adulto, em comorbidade com memórias dos pais sustentadas por conflitos, superproteção e inconsistência afetiva, tende a fazer com que os sujeitos vejam a vida de uma forma negativa e pessimista, sendo o desespero associado a depressão e a vinculações inseguras do tipo ansioso (Heinonen et al., 2004).

II – Objetivos e Hipóteses

Após o enquadramento concetual e descrição da relação entre vinculação e bem-estar psicológico, assim como da relação entre estas e as dimensões da personalidade e das memórias precoces das práticas educativas parentais propõe-se, com a presente dissertação, entender o nível de associação entre os conceitos centrais do estudo.

Deste modo, colocam-se as seguintes hipóteses de investigação:

H1. Existem relações de associação entre as dimensões Vinculação, Bem-Estar Psicológico, Autoestima, Personalidade e Memórias Precoces das Práticas Educativas Parentais.

H2. Existem diferenças significativas nas dimensões de vinculação, satisfação com a vida, personalidade, autoestima e memórias precoces de práticas educativas parentais em função do sexo.

H3. Existem diferenças significativas nas dimensões de vinculação, satisfação com a vida, personalidade, autoestima e memórias precoces de práticas educativas parentais em função do nível socioeconómico.

H4. As variáveis de personalidade são melhor preditores da vinculação segura do que as variáveis de natureza sociodemográfica.

H5. As variáveis das memórias precoces das práticas educativas parentais acrescentam valor preditivo significativo às variáveis de personalidade na explicação da vinculação segura.

H6. As variáveis de personalidade são melhor preditores da vinculação de proximidade do que as variáveis de natureza sociodemográfica.

H7. As variáveis das memórias precoces das práticas educativas parentais acrescentam valor preditivo significativo às variáveis de personalidade na explicação da vinculação de proximidade.

H8. As variáveis de personalidade são melhor preditores da vinculação ansiosa do que as variáveis de natureza sociodemográfica.

H9. As variáveis das memórias precoces das práticas educativas parentais acrescentam valor preditivo significativo às variáveis de personalidade na explicação da vinculação ansiosa.

H10. As variáveis de personalidade são melhor preditores da satisfação com a vida do que as variáveis de natureza sociodemográfica.

H11. As variáveis das memórias precoces das práticas educativas parentais acrescentam valor preditivo significativo às variáveis de personalidade na explicação da satisfação com a vida.

H12. As variáveis de personalidade são melhor preditores da autoestima do que as variáveis de natureza sociodemográfica.

H13. As variáveis das memórias precoces das práticas educativas parentais acrescentam valor preditivo significativo às variáveis de personalidade na explicação da autoestima.

III- Metodologia

1. Caracterização da Amostra

A amostra utilizada no presente estudo é constituída por 212 participantes. Destes, 34,9% são do sexo masculino (n=74), 64,6% do sexo feminino (n=137) e 0,5% identifica-se com outro tipo (n=1). Os participantes fazem parte de uma faixa etária compreendida entre os 18 e os 71 anos de idade, sendo a média $X=32,5$ (DP=13,7).

Relativamente ao Estado Civil, verificou-se que a maior parte da amostra é solteira com um total de 64.6%, no entanto apenas 5,7% participantes vivem numa união de facto (N=12), 21.7% são casados (N=46) e 8% são divorciados (N=17).

Relativamente ao Nível Socioeconómico, 63.7% dos inquiridos apresentam um Nível Médio (N=135), 20.8% um Nível Médio Baixo (N=44), 12,7% têm um Nível Médio Alto (N=23) e apenas 2,8% dos sujeitos apresentam um Nível Baixo (N=6).

2. Caracterização dos Instrumentos

2.1. Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico construído para este estudo é composto por perguntas relativas às características pessoais do sujeito, como a idade, o sexo, o nível socioeconómico e o estado civil. Para além disso, deste questionário, faz também parte uma questão referente ao impacto do COVID-19 no bem-estar psicológico do inquirido e a resposta é dada numa escala de Likert de 0 a 5, sendo que 0 corresponde a nenhum e 5 corresponde a muito.

2.2. Questionário de Autoestima

O Questionário de Autoestima é originalmente de Rosenberg, 1989. Contudo, o questionário utilizado neste estudo é uma adaptação Portuguesa de Faria (2000). Este questionário comporta 10 itens, sendo que metade dos itens se referem a sentimentos positivos em relação a si mesmo e a outra metade a uma visão depreciativa de si. Estes itens encontram-se distribuídos aleatoriamente e permitem, então, medir a autoestima e atribuir três níveis: baixo, médio e alto. A baixa autoestima está ligada a sentimentos de incompetência e incapacidade para lidar com os obstáculos/desafios que se lhe impõem; a média autoestima é caracterizada pela variação entre sentimentos de autoaprovação e de autorejeição e a alta está dependente do autojulgamento a vários níveis, quer seja de valor, de confiança ou de competência (Rosenberg, 1965).

As respostas são dadas numa escala de tipo Likert de seis pontos, sendo que 1 equivale a Discordo Totalmente, 2 equivale a Discordo, 3 equivale a Discordo Parcialmente, 4 equivale a Concordo Parcialmente, 5 equivale a Concordo, e 6 equivale a Concordo Totalmente. Como exemplo de itens temos: “Globalmente estou satisfeito(a) comigo próprio(a)” e “Gostaria de ter mais respeito por mim próprio(a)”. No presente estudo o alfa de Cronbach é de .923.

2.3. Escala de Satisfação com a Vida (SWLS)

A versão original da Satisfaction With Life Scale (SWLS) é de Diener & Emmons & Larsen & Griffin, 1985. Sendo que neste estudo se utilizou a tradução e adaptação da Versão Portuguesa de Simões (1992). Esta escala é constituída por 5 itens, com uma escala de resposta de Likert, sendo as possibilidades de resposta as seguintes: 1. Discordo muito, 2. Discordo um pouco, 3. Não concordo nem discordo, 4. Concordo um pouco e 5. Concordo muito. A cotação dos resultados é realizada de forma fácil e rápida, uma vez que se limita à soma dos pontos atribuídos pela pessoa a cada pergunta. O resultado total pode variar entre 5 e 25 pontos, sendo que quanto maior for a pontuação, maior será a satisfação com a vida (Simões, 1992). Como exemplos de itens temos: “A minha

vida parece-se, em quase tudo, com o que eu desejaria que ela fosse” e “Até agora, tenho conseguido as coisas importantes da vida, que eu desejaria”. No presente estudo o alfa de Cronbach é de .854.

2.4. Memórias de Infância (EMBU)

A versão original do EMBU foi elaborada por C. Perris, L. Jacobson, H. Lindstrom, L. von Knorring e H. Perris em 1980. Neste estudo foi utilizada a versão portuguesa, desenvolvida por Maria Cristina Canavarro (1996). Esta escala é constituída por 23 itens que permitem avaliar a frequência com que ocorreram, durante a infância e adolescência, certas práticas educativas. O inquirido deve responder a 23 itens em relação à mãe e a 22 relativamente ao pai, uma vez que o item 21, da escala de rejeição, não é contabilizado para o pai. A resposta é dada para o pai e para a mãe e é apresentada numa escala de resposta de Likert de quatro pontos, sendo as opções de resposta “Não, nunca”, “Sim, ocasionalmente”, “Sim, frequentemente” e “Sim, a maior parte do tempo”.

Esta escala permite calcular o nível de apoio emocional, rejeição e sobreproteção. No apoio emocional englobam-se comportamentos de aprovação, encorajamento, expressão de amor, ajuda e compreensão, que transmitem segurança e conforto ao filho. A rejeição prende-se com comportamentos vindos dos pais de tentativa de mudar as vontades dos filhos, fazendo com que os filhos sintam pressão para agirem de acordo com o que os seus pais desejam. Relativamente à sobreproteção, esta refere-se a uma proteção excessiva, como elevada intrusão nas atividades dos filhos, regras rígidas e padrões de realização muito altos, que impedem os filhos de ter experiências indutoras de stress e de enfrentarem obstáculos, impedindo que evoluam (Canavarro, 1996). Como exemplos de itens temos: “Os meus pais elogiavam-me” e “Os meus pais mostravam com gestos e palavras que gostavam de mim” na dimensão suporte emocional, “Os meus pais eram severos ou zangavam-se comigo sem me explicarem porquê” e “Os meus pais faziam-me

sentir vergonha de mim mesmo” na dimensão crítica/rejeição, “Quando chegava a casa tinha de contar tudo o que tinha feito” e “Desejava que os meus pais se preocupassem menos com o que eu fazia” na dimensão sobreproteção. No presente estudo o alfa de Cronbach é de .873 e .898 para a dimensão suporte emocional materno e paterno, respetivamente. Para a dimensão crítica/rejeição materna e paterna os valores de alfa de Cronbach são .856 e .822, respetivamente. Por último, na dimensão de sobreproteção materna e paterna, os valores são .745 e .761, respetivamente.

2.5. Escala de Vinculação do Adulto (EVA)

O instrumento original designa-se AAS-R – Adult Attachment Scale-R e é de Collins & Read, 1990. Neste estudo será utilizada a versão portuguesa EVA – Escala de Vinculação do Adulto de Canavarro (1997). A EVA é um questionário de autorresposta, composta por 18 itens e a resposta é dada segundo uma escala de Likert de quatro pontos, sendo eles 1. Nada característico em mim, 2. Pouco Característico em Mim, 3. Característico em mim e 4. Extremamente característico em mim.

São avaliadas três dimensões, a dimensão da ansiedade, a dimensão do contacto com a proximidade e a dimensão da confiança nos outros, sendo que cada uma é constituída por 6 itens da escala. Estas compreendem o grau de ansiedade sentido pelo sujeito relativamente ao medo de abandono ou de não ser desejado, o nível em que o sujeito se sente bem com a proximidade ao outro e com a intimidade, a confiança que é capaz de depositar no outro e a perceção relativamente à disponibilidade dos outros para o auxiliarem em caso de necessidade (Canavarro, Dias, & Lima, 2006). Como exemplos de itens temos: “ Costumo preocupar-me com a possibilidade dos meus parceiros não gostarem verdadeiramente de mim” e “As outras pessoas não se aproximam de mim tanto quanto eu gostaria” na dimensão ansiedade, “Estabeleço, com facilidade, relações com as pessoas” e “Não me preocupo pelo facto das pessoas se

aproximarem muito de mim” na dimensão conforto com a proximidade, “Tenho dificuldade em sentir-me dependente dos outros” e “Acho difícil confiar completamente nos outros” na dimensão confiança nos outros. No presente estudo o alfa de Cronbach é de .685 para a vinculação segura, de .707 para a vinculação de proximidade e de .897 para a vinculação ansiosa.

2.6. Big Five Inventory (BFI)

O inventário Big Five Inventory foi desenvolvido por John, Donahue e Kentle, 1991. Este é um questionário de autorresposta e avalia cinco dimensões da personalidade, através de 44 itens. Cada dimensão (Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade, Neuroticismo e Abertura à Experiência) comporta de 8 a 10 itens. A resposta é dada segundo uma escala de tipo Likert com 5 itens, sendo eles: 1. Discordo Totalmente, 2. Discordo Moderadamente, 3. Não Concordo, Nem Discordo, 4. Concordo Moderadamente e 5. Concordo Totalmente. É um instrumento prático e breve, sendo que as frases dos itens são curtas e apresentam um vocabulário simples e de fácil compreensão. Como exemplos de itens, temos: “É falador(a)” e “É reservado(a)” para a dimensão extroversão, “É prestável e não inveja os outros” e “Tende a encontrar os defeitos dos outros” para a dimensão amabilidade, “Faz um trabalho exaustivo” e “Por vezes pode ser um pouco descuidado(a)” para a dimensão conscienciosidade, “É deprimido(a), triste” e “É relaxado(a), lida bem com o stress” para a dimensão neuroticismo, “É original, tem sempre novas ideias” e “Tem curiosidade em relação a várias coisas” para a dimensão abertura à experiência. No presente estudo o alfa de Cronbach é de .803 para a extroversão, .627 para a amabilidade, .853 para o neuroticismo, .768 para a abertura à experiência e .747 para a conscienciosidade.

3. Procedimentos

3.1. Procedimentos de Recolha de Dados

Os dados foram recolhidos junto da amostra do presente estudo de setembro de 2020 até outubro de 2020, através de questionários online. O estudo foi apresentado no início do questionário, assim como as informações relevantes e necessárias para os inquiridos, nomeadamente os objetivos, o responsável pela investigação e a confidencialidade das respostas dadas por estes. Os sujeitos que aceitaram participar declararam aceitar participar nesta investigação, bem como ter idade superior a 18 anos antes de iniciarem o preenchimento do inquérito.

3.2. Procedimentos de Análise de Dados

Para a análise estatística dos dados obtidos nesta investigação foi utilizado o programa SPSS – Statistical Package of Social Science – versão 22.0. As análises efetuadas vão ao encontro dos objetivos já apresentados. Antes de proceder aos cálculos estatísticos, os itens de classificação invertida foram recodificados, na Escala EMBU (item 17), na Escala de Autoestima (itens 2, 5, 6, 8 e 9) e na EVA (item 5, 8 e 13).

Após a preparação da base de dados foram calculadas as frequências e percentagens, as médias e desvios padrão das variáveis em estudo. A fidelidade das escalas implicadas na investigação foi testada através do Alpha de Cronbach, sendo que quando é de 0.70, no mínimo, considera-se que o teste tem uma fiabilidade adequada (Nunnally, 1978). De forma a testar as relações entre as variáveis (Vinculação Adulta, Memórias Precoces das Práticas Educativas Parentais, Satisfação com a Vida, Autoestima e Personalidade) recorreu-se ao Coeficiente de Correlação de Spearman, sendo que $.50 < r < 1$ e $-.50 < r < -1$ representa uma correlação forte, $.30 < r < .49$ e $-.30 < r < -.49$ representa uma correlação moderada e $.10 < r < .29$ e $-.10 < r < -.29$ significa uma correlação baixa (Pallant, 2005). Com o intuito de analisar o papel preditivo das variáveis em estudo e entender a relação entre uma variável dependente e um conjunto de variáveis independentes, utilizou-se o Modelo de Regressão Linear Múltipla.

IV – Resultados

1. Análise Descritiva

Análise em Função do Sexo

Para observar que existem diferenças significativas nas dimensões de vinculação, satisfação com a vida, personalidade, autoestima e memórias precoces de práticas educativas parentais em função do sexo recorreremos ao teste paramétrico para comparação de médias (*t de student*).

A análise da Tabela 1 permite-nos afirmar que os sujeitos inquiridos, independentemente do sexo, apresentam em média percepções muito positivas em todas as dimensões estudadas, já que o valor encontrado em todas elas se situa acima do valor intermédio das escalas. Apesar da diferença observada nos valores médios nas várias dimensões, essas diferenças só são estatisticamente significativas nas dimensões autoestima ($t=-2.689$; $p=.008$), neuroticismo ($t=3.907$; $p=.000$), abertura à experiência ($t=-3.141$; $p=.002$), memórias precoces das práticas educativas maternas de crítica/ rejeição ($t=-3.863$; $p=.000$), memórias precoces das práticas educativas paternas de sobreproteção ($t=-2.553$; $p=.011$) e memórias precoces das práticas educativas maternas de sobreproteção ($t=2.402$; $p=.017$). Os sujeitos do sexo masculino revelaram valores estatisticamente significativos mais elevados nas dimensões autonomia e abertura à experiência e as raparigas nas dimensões neuroticismo, memórias precoces das práticas educativas maternas de crítica/rejeição, memórias precoces das práticas educativas paternas de sobreproteção e memórias precoces das práticas educativas maternas de sobreproteção.

Tabela 1 - Média, desvio-padrão e valor de teste nas dimensões em análise em função da variável Sexo

| Dimensões | Sexo | | | | Valor de teste | |
|-------------|-------|------|-------|------|----------------|------|
| | F | | M | | t | p |
| | Média | DP | Média | DP | | |
| EVA_ANS | 16.39 | 6.12 | 15.55 | 5.68 | .975 | .331 |
| EVA_CP | 22.12 | 4.01 | 22.55 | 3.83 | -.768 | .443 |
| EVA_CO | 17.59 | 4.56 | 18.15 | 3.92 | -.889 | .375 |
| SAT_VIDA | 17.03 | 4.62 | 17.59 | 4.41 | -.861 | .390 |
| AUTO | 43.53 | 9.59 | 47.08 | 8.33 | -2.689 | .008 |
| EXT_M | 3.33 | 0.65 | 3.38 | 0.57 | -.456 | .649 |
| AMAB_M | 3.86 | 0.47 | 3.76 | 0.45 | 1.561 | .120 |
| CONSC_M | 3.45 | 0.59 | 3.39 | 0.53 | .686 | .493 |
| NEUROT_M | 3.27 | 0.77 | 2.84 | 0.74 | 3.907 | .000 |
| ABERT_M | 3.52 | 0.56 | 3.76 | 0.46 | -3.141 | .002 |
| MPE_P_SE | 16.34 | 5.85 | 16.99 | 4.45 | -.835 | .405 |
| MPE_M_SE | 18.20 | 5.35 | 19.07 | 3.88 | -1.224 | .222 |
| MPE_P_C_R | 12.47 | 4.20 | 11.82 | 3.06 | 1.173 | .242 |
| MPE_M_C_R | 14.29 | 5.26 | 11.78 | 2.53 | 3.863 | .000 |
| MPE_P_SOBRE | 12.82 | 4.07 | 11.43 | 3.11 | 2.553 | .011 |
| MPE_M_SOBRE | 14.34 | 4.14 | 12.99 | 3.38 | 2.402 | .017 |

1.EVA_ANS= Escala de Vinculação Ansiosa; 2. EVA_CP= Escala de Vinculação com a Proximidade; 3. EVA_CO= Escala de Vinculação Segura; 4. SAT_VIDA= Satisfação com a Vida; 5. AUTO= Autoestima; 6. EXT_M= Extroversão; 7. AMAB_M= Amabilidade; 8. CONSC_M= Conscienciosidade; 9. NEUROT_M= Neuroticismo; 10. ABERT_M= Abertura à Experiência; 11. MPE_P_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Suporte Emocional; 12. MPE_M_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Suporte Emocional; 13. MPE_P_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Crítica/Rejeição; 14. MPE_M_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Crítica/Rejeição; 15. MPE_P_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Sobreproteção; 16. MPE_M_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Sobreproteção.

Análise em Função do Nível Socioeconómico

Para avaliar a existência, ou não, de diferenças significativas nas dimensões de vinculação, satisfação com a vida, personalidade, autoestima e memórias precoces de práticas educativas parentais em função do nível socioeconómico foram calculados as médias e os desvios-padrão para cada dimensão e efetuadas análises da variância (Tabela 2).

As análises de variância permitem-nos afirmar a existência de diferenças estatisticamente significativas em duas dimensões, tendo em conta o nível socioeconómico dos inquiridos, a satisfação com a vida ($F=6.452$; $p=.000$), e a abertura à experiência ($F=2.808$; $p=.041$). Através da análise do teste T-Turkey verificámos que na satisfação com a vida essas diferenças são significativas ($p < .05$) entre o nível socioeconómico baixo e médio alto, médio baixo e médio e médio baixo e médio alto e na dimensão abertura à experiência entre o nível socioeconómico médio baixo e médio alto.

Tabela 2 - Média, desvio-padrão e valor de teste nas dimensões em análise em função da variável Nível Socioeconómico

| Dimensões | Baixo | | Médio Baixo | | Médio | | Médio Alto | | Valor de teste | |
|-------------|-------|-------|-------------|------|-------|------|------------|------|----------------|------|
| | M | DP | M | DP | M | DP | M | DP | F | p |
| EVA_ANS | 20,17 | 7,86 | 17,11 | 6,29 | 15,97 | 5,84 | 14,56 | 5,55 | 1,980 | .118 |
| EVA_CP | 20,67 | 4,76 | 22,05 | 4,05 | 22,31 | 4,06 | 22,70 | 2,92 | .489 | .690 |
| EVA_CO | 14,83 | 5,78 | 17,75 | 4,68 | 17,94 | 4,24 | 17,78 | 3,91 | .985 | .401 |
| SAT_VIDA | 13,50 | 5,96 | 15,16 | 3,73 | 17,75 | 4,59 | 18,74 | 3,80 | 6,452 | .000 |
| AUTO | 42,83 | 14,68 | 41,73 | 8,99 | 45,39 | 8,97 | 46,85 | 9,38 | 2,353 | .073 |
| EXT_M | 2,92 | .63 | 3,22 | .61 | 3,38 | .61 | 3,47 | .66 | 2,138 | .097 |
| AMAB_M | 3,56 | .54 | 3,85 | .59 | 3,82 | .44 | 3,85 | .37 | .730 | .535 |
| CONSC_M | 3,02 | .54 | 3,34 | .60 | 3,45 | .53 | 3,57 | .65 | 2,099 | .101 |
| NEUROT_M | 3,15 | 1,35 | 3,34 | .81 | 3,08 | .75 | 2,99 | .74 | 1,542 | .205 |
| ABERT_M | 3,48 | .50 | 3,46 | .58 | 3,62 | .52 | 3,83 | .54 | 2,808 | .041 |
| MPE_P_SE | 11,50 | 4,97 | 16,50 | 6,29 | 16,74 | 5,06 | 16,63 | 5,44 | 1,820 | .145 |
| MPE_M_SE | 18,33 | 5,05 | 18,82 | 5,42 | 18,52 | 4,76 | 18,00 | 4,75 | .158 | .925 |
| MPE_P_C_R | 14,67 | 7,28 | 13,09 | 4,34 | 11,92 | 3,28 | 12,33 | 4,82 | 1,796 | .149 |
| MPE_M_C_R | 17,17 | 5,95 | 14,41 | 5,38 | 12,87 | 4,00 | 13,67 | 5,56 | 2,686 | .048 |
| MPE_P_SOBRE | 12,33 | 3,98 | 13,16 | 4,57 | 12,17 | 3,69 | 11,70 | 2,78 | 1,020 | .385 |
| MPE_M_SOBRE | 15,50 | 4,04 | 14,32 | 4,80 | 13,66 | 3,60 | 13,63 | 4,09 | .689 | .560 |

1. EVA_ANS= Escala de Vinculação Ansiosa; 2. EVA_CP= Escala de Vinculação com a Proximidade ; 3. EVA_CO= Escala de Vinculação Segura; 4. SAT_VIDA= Satisfação com a Vida; 5. AUTO=Autoestima; 6. EXT_M= Extroversão; 7. AMAB_M= Amabilidade; 8. CONSC_M= Conscienciosidade; 9. NEUROT_M= Neuroticismo; 10. ABERT_M= Abertura à Experiência; 11. MPE_P_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Suporte Emocional; 12. MPE_M_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Suporte Emocional; 13. MPE_P_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Crítica/Rejeição; 14. MPE_M_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Crítica/Rejeição; 15. MPE_P_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Sobreproteção; 16. MPE_M_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Sobreproteção.

Relações entre as dimensões de Vinculação, Satisfação com a Vida, Personalidade, Autoestima e Memórias Precoces de Práticas Educativas Parentais

Apresentamos de seguida as análises correlacionais para as dimensões estudadas. A análise da matriz de correlações (Tabela 3) permite-nos afirmar que a quase totalidade das correlações apresenta valores positivos, apesar de algumas delas não serem muito fortes, e todas vão no sentido esperado. Mesmo as correlações que apresentam coeficientes de correlação negativos vão no sentido esperado tendo em conta o referencial teórico. A grande maioria dos coeficientes de correlação apresenta significado estatístico. São de destacar as relações positivas e significativas entre vinculação ansiosa e neuroticismo ($r=.62$; $p < .001$), entre vinculação de proximidade e extroversão ($r=.58$; $p < .001$) e entre memórias precoces das práticas educativas maternas de crítica/rejeição e vinculação ansiosa ($r=.41$; $p < .001$) e negativas no sentido esperado entre vinculação ansiosa e autoestima ($r=-.67$; $p < .001$), entre autoestima e neuroticismo ($r=-.68$; $p < .001$) e entre autoestima e memórias precoces das práticas educativas maternas de crítica/rejeição ($r=-.55$; $p < .001$).

Tabela 3- Matriz de Correlações entre Vinculação, Satisfação com a Vida, Autoestima, Personalidade e Memórias Precoces das Práticas Educativas Parentais

| Subescalas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 |
|------------------|---|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|--------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|-------|------|
| 1.EVA_ANS | 1 | -.502** | -.442** | -.458** | -.672** | -.313** | -.204** | -.371** | .618** | .003 | -.191** | -.218** | .325** | .410** | .165* | .271** | 16.15 | 6.00 |
| 2.EVA_CP | | 1 | .559** | .367** | .474** | .576** | .336** | .324** | -.400** | .181** | .378** | .305** | -.312** | -.303** | -.145* | -.193** | 22.26 | 3.94 |
| 3.EVA_CO | | | 1 | .370** | .309** | .157* | .350** | .119 | -.365** | .016 | .363** | .310** | -.223** | -.261** | -.086 | -.118 | 17.79 | 4.34 |
| 4.SAT_VIDA | | | | 1 | .596** | .293** | .255** | .299** | -.492** | .068 | .197** | .236** | -.365** | -.311** | -.086 | -.060 | 17.22 | 4.54 |
| 5.AUTO | | | | | 1 | .397** | .235** | .517** | -.680** | .071 | .175* | .236** | -.421** | -.553** | -.249** | -.310** | 44.74 | 9.29 |
| 6.EXT_M | | | | | | 1 | .181** | .377** | -.323** | .370** | .121 | .105 | -.237** | -.227** | -.084 | -.191** | 3.35 | .62 |
| 7.AMAB_M | | | | | | | 1 | .298** | -.281** | .138* | .238** | .135* | -.217** | -.068 | -.019 | .059 | 3.82 | .47 |
| 8.CONSC_M | | | | | | | | 1 | -.400** | .131 | .093 | .092 | -.319** | -.191** | -.166* | -.135 | 3.43 | .56 |
| 9.NEUROT_M | | | | | | | | | 1 | -.090 | -.147* | -.144* | .314** | .427** | .171* | .253** | 3.12 | .79 |
| 10.ABERT_M | | | | | | | | | | 1 | .122 | .154* | .003 | -.068 | -.023 | .025 | 3.61 | .54 |
| 11.MPE_P_SE | | | | | | | | | | | 1 | .623** | -.370** | -.307** | .084 | -.069 | 16.53 | 5.41 |
| 12.MPE_M_SE | | | | | | | | | | | | 1 | -.232** | -.431** | -.010 | -.027 | 18.51 | 4.88 |
| 13.MPE_P_C_R | | | | | | | | | | | | | 1 | .571** | .528** | .403** | 12.29 | 3.89 |
| 14.MPE_M_C_R | | | | | | | | | | | | | | 1 | .353** | .561** | 13.42 | 4.64 |
| 15.MPE_P_SOBRE | | | | | | | | | | | | | | | 1 | .697** | 12.32 | 3.80 |
| 16.MPE_M_SOBRE | | | | | | | | | | | | | | | | 1 | 13.84 | 3.94 |
| 17.Média | | | | | | | | | | | | | | | | | - | - |
| 18.Desvio Padrão | | | | | | | | | | | | | | | | | | - |

**p<.01; *p<.05

Legenda:

1.EVA_ANS= Escala de vinculação Ansiosa; 2. EVA_CP= Escala de Vinculação com a Proximidade ; 3. EVA_CO= Escala de Vinculação Segura; 4. SAT_VIDA= Satisfação com a Vida; 5. AUTO=Autoestima; 6. EXT_M= Extroversão; 7. AMAB_M= Amabilidade; 8. CONSC_M= Conscienciosidade; 9. NEUROT_M= Neuroticismo; 10. ABERT_M= Abertura à Experiência; 11. MPE_P_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, escala de Suporte Emocional; 12. MPE_M_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, escala de Suporte Emocional; 13. MPE_P_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas paternas, escala de Crítica/Rejeição; 14. MPE_M_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, escala de Crítica/Rejeição; 15. MPE_P_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, escala de Sobreproteção; 16. MPE_M_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, escala de Sobreproteção.

Carolina Silveira

(carol.bett.silveira@hotmail.com)

2020

Contributos das Variáveis Sociodemográficas, de Personalidade e das Memórias Precoces das Práticas Educativas Parentais para o Bem-Estar Psicológico (Satisfação com a Vida e Autoestima) e Estilo de Vinculação de Adultos

Contributos das dimensões para a Satisfação com a Vida

A Tabela 4 apresenta o sumário dos modelos de regressão linear após a entrada de cada um dos blocos de variáveis preditores considerados. O nível de significância associado a cada modelo ($p=.000$) mostra que a contribuição das variáveis inseridas em cada modelo é significativa, contribuindo, deste modo, para a predição da satisfação com a vida.

Tabela 4- Sumário da regressão hierárquica para a variável dependente Satisfação com a Vida

| Modelo | R ² | Estatísticas de mudança | | | | | |
|----------------|----------------|--------------------------------------|--------|----------|------------------|--------|------------|
| | | R ² ajustado ⁴ | F | <i>p</i> | Δ R ² | Δ F | Δ <i>p</i> |
| 1 ^a | .092 | .079 | 7.001 | .000 | .092 | 7.001 | .000 |
| 2 ^b | .325 | .299 | 12.175 | .000 | .233 | 13.964 | .000 |
| 3 ^c | .409 | .366 | 9.671 | .000 | .083 | 4.598 | .000 |

Variável Dependente: SAT_VIDA

- a. Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade
- b. Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M
- c. Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M, MPE_P_SOBRE, MPE_M_SOBRE, MPE_P_SE, MPE_M_SE, MPE_P_C_R, MPE_M_C_R

EXT_M= Extroversão; AMAB_M= Amabilidade; CONSC_M= Conscienciosidade; NEUROT_M= Neuroticismo; ABERT_M= Abertura à Experiência; MPE_P_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Suporte Emocional; MPE_M_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Suporte Emocional; MPE_P_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Crítica/Rejeição; MPE_M_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Crítica/Rejeição; MPE_P_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Sobreproteção; 16. MPE_M_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Sobreproteção.

O primeiro modelo de variáveis (relativo às variáveis sociodemográficas - idade, sexo e nível socioeconómico) explica aproximadamente 9% da variação da satisfação com a vida. A análise dos coeficientes de regressão indica um contributo estatisticamente significativo, para a variável nível socioeconómico ($\beta=.251$; $p=.000$).

O segundo modelo (relativo à escala de traços de personalidade – extroversão, amabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência) explica aproximadamente 23% da variação na satisfação com a vida. A análise dos coeficientes β indica um contributo estatisticamente significativo para as dimensões nível socioeconómico ($\beta=.205$; $p=.001$) e neuroticismo ($\beta=-.406$; $p=.000$).

O terceiro bloco de variáveis que entrou no modelo diz respeito às memórias precoces das práticas educativas parentais, cujo poder explicativo é de aproximadamente 8%. Apesar de reduzido, trata-se, uma vez mais, de um contributo estatisticamente significativo ($p=.000$). A análise dos coeficientes de regressão indica um contributo com significância estatística das memórias precoces das práticas educativas paternas de crítica/rejeição ($\beta=-.276$; $p=.003$), do nível socioeconómico, do neuroticismo e das memórias precoces das práticas educativas maternas de suporte emocional nos ganhos em satisfação com a vida.

Como podemos verificar pela análise dos coeficientes de regressão relativamente a todos os preditores (Tabela 5), as variáveis com valor explicativo significativo, ordenadas por ordem de grandeza do seu valor β , são: neuroticismo ($\beta=-.390$; $p=.000$), memórias precoces das práticas educativas paternas de crítica/rejeição ($\beta=-.276$; $p=.003$), memórias precoces das práticas educativas maternas de suporte emocional ($\beta=.212$; $p=.013$) e nível socioeconómico ($\beta=.216$; $p=.000$). Estes valores significam que o neuroticismo, as memórias precoces das práticas educativas do pai de crítica/rejeição e o nível socioeconómico são as variáveis que apresentam maior poder explicativo na dimensão satisfação com a vida.

Tabela 5 - Coeficientes de regressão na variável dependente Satisfação com a Vida

| Modelos | β | Beta | t | p |
|----------------------|---------|-------|--------|------|
| Idade | .036 | .110 | 1.615 | .108 |
| Sexo | .457 | .048 | .724 | .470 |
| Nível Socioeconómico | 1.737 | .251 | 3.676 | .000 |
| Idade | .018 | .053 | .812 | .418 |
| Sexo | -.325 | -.034 | -.536 | .593 |
| Nível Socioeconómico | 1.416 | .205 | 3.364 | .001 |
| EXT_M | .930 | .128 | 1.860 | .064 |
| AMAB_M | .986 | .101 | 1.568 | .119 |
| CONSC_M | .107 | .013 | .184 | .854 |
| NEUROT_M | -2.347 | -.406 | -5.766 | .000 |
| ABERT_M | -.618 | -.073 | -1.108 | .269 |
| Idade | .030 | .090 | 1.364 | .174 |
| Sexo | -.327 | -.034 | -.550 | .583 |
| Nível Socioeconómico | 1.492 | .216 | 3.627 | .000 |
| EXT_M | .879 | .121 | 1.789 | .075 |
| AMAB_M | .501 | .051 | .803 | .423 |
| CONSC_M | -.359 | -.045 | -.632 | .528 |
| NEUROT_M | -2.257 | -.390 | -5.557 | .000 |
| ABERT_M | -.729 | -.086 | -1.337 | .183 |
| MPE_P_SE | -.090 | -.107 | -1.241 | .216 |
| MPE_M_SE | .197 | .212 | 2.520 | .013 |
| MPE_P_C_R | -.327 | -.276 | -2.983 | .003 |
| MPE_M_C_R | .007 | .007 | .069 | .945 |
| MPE_P_SOBRE | .076 | .063 | .618 | .537 |
| MPE_M_SOBRE | .150 | .130 | 1.294 | .197 |

Variável Dependente: SAT_VIDA

- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade
- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M
- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M, MPE_P_SOBRE, MPE_M_SOBRE, MPE_P_SE, MPE_M_SE, MPE_P_C_R, MPE_M_C_R

EXT_M= Extroversão; AMAB_M= Amabilidade; CONSC_M= Conscienciosidade; NEUROT_M= Neuroticismo; ABERT_M= Abertura à Experiência; MPE_P_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Suporte Emocional; MPE_M_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Suporte Emocional; MPE_P_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Crítica/Rejeição; MPE_M_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Crítica/Rejeição; MPE_P_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Sobreproteção; 16. MPE_M_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Sobreproteção.

Contributos das dimensões para a Autoestima

A Tabela 6 apresenta o sumário dos modelos de regressão linear após a entrada de cada um dos blocos de variáveis preditores considerados. O nível de significância associado a cada modelo ($p=.000$) mostra que a contribuição das variáveis inseridas em cada modelo é significativa, contribuindo, deste modo, para a predição dos ganhos na dimensão autoestima.

Tabela 6 - Sumário da regressão hierárquica para a variável dependente Autoestima

| Modelo | R ² | R ² ajustado ^b | F | p | Estatísticas de mudança | | |
|----------------|----------------|---|--------|------|-------------------------|------------|------------|
| | | | | | ΔR^2 | ΔF | Δp |
| 1 ^a | .097 | .084 | 7.388 | .000 | .097 | 7.388 | .000 |
| 2 ^b | .565 | .548 | 32.803 | .000 | .468 | 43.502 | .000 |
| 3 ^c | .650 | .625 | 26.009 | .000 | .085 | 7.937 | .000 |

Variável Dependente: AUTO

- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade
- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M
- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M, MPE_P_SOBRE, MPE_M_SOBRE, MPE_P_SE, MPE_M_SE, MPE_P_C_R, MPE_M_C_R

EXT_M= Extroversão; AMAB_M= Amabilidade; CONSC_M= Conscienciosidade; NEUROT_M= Neuroticismo; ABERT_M= Abertura à Experiência; MPE_P_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Suporte Emocional; MPE_M_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Suporte Emocional; MPE_P_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Crítica/Rejeição; MPE_M_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Crítica/Rejeição; MPE_P_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Sobreproteção; 16. MPE_M_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Sobreproteção.

O primeiro modelo de variáveis (relativo às variáveis sociodemográficas - idade, sexo, nível socioeconómico) explica aproximadamente 10% da variação na autoestima. A análise dos coeficientes de regressão indica um contributo negativo mas estatisticamente significativo, para as variáveis idade ($\beta=.205$; $p=.003$) e sexo ($\beta=.185$; $p=.006$).

O segundo modelo (relativo à escala de traços de personalidade – extroversão, amabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência) explica aproximadamente 47% da variação na autoestima. A análise dos coeficientes Beta indica um contributo estatisticamente significativo para as dimensões

extroversão ($\beta=.166$; $p=.003$), conscienciosidade ($\beta=.227$; $p=.000$) e neuroticismo ($\beta= -.520$; $p=.000$).

O terceiro bloco de variáveis que entrou no modelo diz respeito às memórias precoces das práticas educativas parentais, cujo poder explicativo é de aproximadamente 9%. Apesar de reduzido, trata-se, uma vez mais, de um contributo estatisticamente significativo ($p=.000$). A análise dos coeficientes de regressão indica um contributo com significância estatística das memórias precoces das práticas educativas maternas de crítica/rejeição ($\beta=-.332$; $p=.000$) nos ganhos em autoestima.

Como podemos verificar pela análise dos coeficientes de regressão relativamente a todos os preditores (Tabela 7), as variáveis com valor explicativo significativo, ordenadas por ordem de grandeza do seu valor Beta, são: neuroticismo ($\beta=-.429$; $p=.000$), memórias precoces das práticas educativas maternas de crítica/rejeição ($\beta=-.332$; $p=.000$), idade ($\beta=.165$; $p=.001$), conscienciosidade ($\beta=.185$; $p=.001$), extroversão ($\beta=.147$; $p=.005$), sexo ($\beta=.010$; $p=.036$) e abertura à experiência ($\beta=-.101$; $p=.043$).

Tabela 7 - Coeficientes de regressão para a variável dependente Autoestima

| Modelos | β | Beta | t | p |
|----------------------|---------|-------|--------|------|
| Idade | .138 | .205 | 3.003 | .003 |
| Sexo | 3.588 | .185 | 2.783 | .006 |
| Nível Socioeconómico | 1.487 | .105 | 1.542 | .125 |
| Idade | .062 | .092 | 1.734 | .084 |
| Sexo | 1.459 | .075 | 1.466 | .144 |
| Nível Socioeconómico | .399 | .028 | .577 | .564 |
| EXT_M | 2.476 | .166 | 3.013 | .003 |
| AMAB_M | -.162 | -.008 | -.156 | .876 |
| CONSC_M | 3.729 | .227 | 3.907 | .000 |
| NEUROT_M | -6.160 | -.520 | -9.216 | .000 |
| ABERT_M | -1.743 | -.101 | -1.903 | .058 |
| Idade | .111 | .165 | 3.254 | .001 |
| Sexo | .194 | .010 | .207 | .036 |
| Nível Socioeconómico | -.029 | -.002 | -.044 | .965 |
| EXT_M | 2.199 | .147 | 2.843 | .005 |
| AMAB_M | -.480 | -.024 | -.489 | .625 |
| CONSC_M | 3.039 | .185 | 3.401 | .001 |
| NEUROT_M | -5.084 | -.429 | -7.956 | .000 |
| ABERT_M | -1.747 | -.101 | -2.035 | .043 |
| MPE_P_SE | -.005 | -.003 | -.044 | .965 |
| MPE_M_SE | .108 | .057 | .877 | .382 |
| MPE_P_C_R | .072 | .030 | .419 | .675 |
| MPE_M_C_R | -.664 | -.332 | -4.474 | .000 |
| MPE_P_SOBRE | -.265 | -.109 | -1.379 | .169 |
| MPE_M_SOBRE | .233 | .099 | 1.278 | .203 |

Variável Dependente: AUTO

- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade
- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M
- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M, MPE_P_SOBRE, MPE_M_SOBRE, MPE_P_SE, MPE_M_SE, MPE_P_C_R, MPE_M_C_R

EXT_M= Extroversão; AMAB_M= Amabilidade; CONSC_M= Conscienciosidade; NEUROT_M= Neuroticismo; ABERT_M= Abertura à Experiência; MPE_P_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Suporte Emocional; MPE_M_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Suporte Emocional; MPE_P_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Crítica/Rejeição; MPE_M_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Crítica/Rejeição; MPE_P_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Sobreproteção; 16. MPE_M_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Sobreproteção.

Contributos das dimensões para a Vinculação Ansiosa

A Tabela 8 apresenta o sumário dos modelos de regressão linear após a entrada de cada um dos blocos de variáveis preditores considerados. O nível de significância associado aos modelos 1, 2 e 3, respetivamente, $p=.025$, $p=.000$ e $p=.000$, mostra que a contribuição das variáveis inseridas em cada modelo é significativa, contribuindo, deste modo, para a predição dos ganhos na dimensão vinculação ansiosa.

Tabela 8 - Sumário da regressão hierárquica para a variável dependente Vinculação Ansiosa

| Modelo | R ² | R ² ajustado ² | F | p | Estatísticas de mudança | | |
|----------------|----------------|---|--------|------|-------------------------|------------|------------|
| | | | | | ΔR^2 | ΔF | Δp |
| 1 ^a | .044 | .030 | 3.195 | .025 | .044 | 3.195 | .025 |
| 2 ^b | .426 | .403 | 18.716 | .000 | .381 | 26.832 | .000 |
| 3 ^c | .470 | .433 | 12.432 | .000 | .045 | 2.754 | .014 |

Variável Dependente: EVA_ANS

- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade
- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M
- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M, MPE_P_SOBRE, MPE_M_SOBRE, MPE_P_SE, MPE_M_SE, MPE_P_C_R, MPE_M_C_R

EXT_M= Extroversão; AMAB_M= Amabilidade; CONSC_M= Conscienciosidade; NEUROT_M= Neuroticismo; ABERT_M= Abertura à Experiência; MPE_P_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Suporte Emocional; MPE_M_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Suporte Emocional; MPE_P_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Crítica/Rejeição; MPE_M_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Crítica/Rejeição; MPE_P_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Sobreproteção; 16. MPE_M_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Sobreproteção.

O primeiro modelo de variáveis (relativo às variáveis sociodemográficas - idade, sexo e nível socioeconómico) explica aproximadamente 4% da variação da vinculação ansiosa. A análise dos coeficientes de regressão não indica nenhum contributo estatisticamente significativo para esta dimensão.

O segundo modelo (relativo à escala de traços de personalidade – extroversão, amabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência) explica aproximadamente 38% da variação na vinculação ansiosa. A análise dos

coeficientes β indica um contributo estatisticamente significativo para as dimensões neuroticismo ($\beta=.562$; $p=.000$) e extroversão ($\beta= -.128$; $p= .045$).

O terceiro modelo de variáveis que entrou no modelo diz respeito às memórias precoces das práticas educativas parentais, cujo poder explicativo é de aproximadamente 5%. Apesar de reduzido, trata-se, uma vez mais, de um contributo estatisticamente significativo ($p=.000$). A análise dos coeficientes de regressão indica um contributo com significância estatística da idade ($\beta=-.132$; $p=.035$) e do neuroticismo ($\beta=.512$; $p=.000$) nos ganhos em vinculação ansiosa.

Como podemos verificar pela análise dos coeficientes de regressão relativamente a todos os preditores (Tabela 9), as variáveis com valor explicativo significativo, ordenadas por ordem de grandeza do seu valor Beta, são: neuroticismo ($\beta=.512$; $p=.000$) e idade ($\beta=-.1322$; $p=.035$). A análise destes dados permite-nos afirmar que os sujeitos com mais neuroticismo e idade são aqueles que mais pontuam na dimensão vinculação ansiosa.

Tabela 9 - Coeficientes de regressão para a variável dependente Vinculação Ansiosa

| Modelos | β | Beta | t | p |
|----------------------|---------|-------|--------|------|
| Idade | -.053 | -.123 | -1.754 | .081 |
| Sexo | -.800 | -.064 | -.940 | .348 |
| Nível Socioeconômico | -1.180 | -.130 | -1.854 | .065 |
| Idade | -.031 | -.070 | -1.156 | .249 |
| Sexo | .744 | .060 | 1.014 | .312 |
| Nível Socioeconômico | -.615 | -.068 | -1.206 | .229 |
| EXT_M | -1.224 | -.128 | -2.019 | .045 |
| AMAB_M | .219 | .017 | .287 | .774 |
| CONSC_M | -.799 | -.076 | -1.134 | .258 |
| NEUROT_M | 4.274 | .562 | 8.666 | .000 |
| ABERT_M | 1.232 | .111 | 1.823 | .070 |
| Idade | -.057 | -.132 | -2.119 | .035 |
| Sexo | 1.169 | .094 | 1.580 | .116 |
| Nível Socioeconômico | -.537 | -.059 | -1.050 | .295 |
| EXT_M | -.975 | -.102 | -1.596 | .112 |
| AMAB_M | .396 | .031 | .511 | .610 |
| CONSC_M | -.469 | -.044 | -.664 | .508 |
| NEUROT_M | 3.895 | .512 | 7.717 | .000 |
| ABERT_M | 1.258 | .113 | 1.855 | .065 |
| MPE_P_SE | -.002 | -.002 | -.020 | .984 |
| MPE_M_SE | -.176 | -.144 | -1.805 | .073 |
| MPE_P_C_R | -.002 | -.001 | -.014 | .989 |
| MPE_M_C_R | .118 | .092 | 1.009 | .314 |
| MPE_P_SOBRE | -.010 | -.006 | -.066 | .947 |
| MPE_M_SOBRE | .126 | .083 | .876 | .382 |

Variável Dependente: EVA_ANS

- d. Preditores: (Constante), Nível Socioeconômico, Sexo, Idade
e. Preditores: (Constante), Nível Socioeconômico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M
f. Preditores: (Constante), Nível Socioeconômico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M, MPE_P_SOBRE, MPE_M_SOBRE, MPE_P_SE, MPE_M_SE, MPE_P_C_R, MPE_M_C_R

EXT_M= Extroversão; AMAB_M= Amabilidade; CONSC_M= Conscienciosidade; NEUROT_M= Neuroticismo; ABERT_M= Abertura à Experiência; MPE_P_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Suporte Emocional; MPE_M_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Suporte Emocional; MPE_P_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, escala de Crítica/Rejeição; MPE_M_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Crítica/Rejeição; MPE_P_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Sobreproteção; 16. MPE_M_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Sobreproteção.

Contributos das dimensões para a Vinculação de Proximidade

A Tabela 10 apresenta o sumário dos modelos de regressão linear após a entrada de cada um dos blocos de variáveis preditores considerados. O nível de significância associado a cada modelo (1,2,3) são respetivamente $p=.630$, $p=.000$, $p=.000$, o que mostra que a contribuição das variáveis inseridas no modelo 2 e 3 é significativa, contribuindo, deste modo, para a predição dos ganhos na dimensão vinculação de proximidade.

Tabela 10 - *Sumário da regressão hierárquica para a variável dependente Vinculação de Proximidade*

| Modelo | R ² | R ² ajustado ³ | F | p | Estatísticas de mudança | | |
|----------------|----------------|---|--------|------|-------------------------|------------|------------|
| | | | | | ΔR^2 | ΔF | Δp |
| 1 ^a | .008 | -.006 | .578 | .630 | .008 | .571 | .630 |
| 2 ^b | .442 | .419 | 19.969 | .000 | .433 | 31.349 | .000 |
| 3 ^c | .513 | .478 | 14.729 | .000 | .071 | 4.765 | .000 |

Variável Dependente: EVA_CP

- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade
- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M
- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M, MPE_P_SOBRE, MPE_M_SOBRE, MPE_P_SE, MPE_M_SE, MPE_P_C_R, MPE_M_C_R

EXT_M= Extroversão; AMAB_M= Amabilidade; CONSC_M= Conscienciosidade; NEUROT_M= Neuroticismo; ABERT_M= Abertura à Experiência; MPE_P_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Suporte Emocional; MPE_M_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Suporte Emocional; MPE_P_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Crítica/Rejeição; MPE_M_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Crítica/Rejeição; MPE_P_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Sobreproteção; 16. MPE_M_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Sobreproteção.

O primeiro modelo de variáveis (relativo às variáveis sociodemográficas - idade, sexo e nível socioeconómico) explica 1% da variação na vinculação de proximidade. A análise dos coeficientes de regressão não indica nenhum contributo estatisticamente significativo.

O segundo modelo (relativo à escala de traços de personalidade – extroversão, amabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência) explica aproximadamente 43% da variação na vinculação de proximidade. A análise dos

coeficientes β indica um contributo estatisticamente significativo das dimensões idade ($\beta=-.159$; $p=.009$), extroversão ($\beta=.496$; $p=.000$), amabilidade ($\beta=.238$; $p=.000$) e neuroticismo ($\beta=-.152$; $p=.018$).

O terceiro modelo de variáveis que entrou no modelo diz respeito às memórias precoces das práticas educativas parentais, cujo poder explicativo é de aproximadamente 7%. Apesar de reduzido, trata-se, uma vez mais, de um contributo estatisticamente significativo ($p=.000$). A análise dos coeficientes de regressão indica um contributo com significância estatística da extroversão ($\beta=-.503$; $p=.000$), amabilidade ($\beta=.166$; $p=.005$), neuroticismo ($\beta=-.146$; $p=.023$) e memórias precoces das práticas educativas paternas de suporte emocional ($\beta=.208$; $p=.000$) nos ganhos na vinculação de proximidade.

Como podemos verificar pela análise dos coeficientes de regressão relativamente a todos os preditores (Tabela 11), as variáveis com valor explicativo significativo, ordenadas por ordem de grandeza do seu valor Beta, são: extroversão ($\beta=-.503$; $p=.000$), memórias precoces das práticas educativas paternas de suporte emocional ($\beta=.208$; $p=.000$), amabilidade ($\beta=.166$; $p=.005$) e neuroticismo ($\beta=-.146$; $p=.023$). A análise destes dados permite-nos afirmar que os sujeitos com mais extroversão, amabilidade, neuroticismo e memórias precoces das práticas educativas do pai de suporte emocional são aqueles que mais pontuam na dimensão vinculação de proximidade.

As variáveis neuroticismo e extroversão assumem valores negativos, o que parece indicar uma vinculação de proximidade menor por parte dos indivíduos que mais pontuam nesta dimensão.

Tabela 11 - Coeficientes de regressão para a variável dependente Vinculação de Proximidade

| Modelos | β | Beta | t | p |
|----------------------|---------|-------|--------|------|
| Idade | -.006 | -.019 | -.271 | .787 |
| Sexo | .391 | .047 | .683 | .496 |
| Nível Socioeconômico | .459 | .077 | 1.071 | .286 |
| Idade | -.046 | -.159 | -2.649 | .009 |
| Sexo | .266 | .032 | .556 | .579 |
| Nível Socioeconômico | -.024 | -.004 | -.073 | .942 |
| EXT_M | 3.136 | .496 | 7.943 | .000 |
| AMAB_M | 2.016 | .238 | 4.063 | .000 |
| CONSC_M | .541 | .078 | 1.179 | .240 |
| NEUROT_M | -.763 | -.152 | -2.375 | .018 |
| ABERT_M | -.396 | -.054 | -.901 | .369 |
| Idade | -.024 | -.083 | -1.391 | .166 |
| Sexo | -.027 | -.003 | -.057 | .955 |
| Nível Socioeconômico | -.222 | -.037 | -.685 | .494 |
| EXT_M | 3.184 | .503 | 8.231 | .000 |
| AMAB_M | 1.403 | .166 | 2.856 | .005 |
| CONSC_M | .335 | .048 | .749 | .455 |
| NEUROT_M | -.733 | -.146 | -2.294 | .023 |
| ABERT_M | -.624 | -.085 | -1.452 | .148 |
| MPE_P_SE | .208 | .285 | 3.648 | .000 |
| MPE_M_SE | .021 | .026 | .338 | .735 |
| MPE_P_C_R | .079 | .077 | .911 | .363 |
| MPE_M_C_R | -.031 | -.036 | -.414 | .679 |
| MPE_P_SOBRE | -.174 | -.168 | -1.811 | .072 |
| MPE_M_SOBRE | .072 | .071 | .782 | .435 |

Variável Dependente: EVA_CP

- Preditores: (Constante), Nível Socioeconômico, Sexo, Idade
- Preditores: (Constante), Nível Socioeconômico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M
- Preditores: (Constante), Nível Socioeconômico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M, MPE_P_SOBRE, MPE_M_SOBRE, MPE_P_SE, MPE_M_SE, MPE_P_C_R, MPE_M_C_R

EXT_M= Extroversão; AMAB_M= Amabilidade; CONSC_M= Conscienciosidade; NEUROT_M= Neuroticismo; ABERT_M= Abertura à Experiência; MPE_P_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Suporte Emocional; MPE_M_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Suporte Emocional; MPE_P_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Crítica/Rejeição; MPE_M_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Crítica/Rejeição; MPE_P_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Sobreproteção; 16. MPE_M_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Sobreproteção.

Contributos das dimensões para a Vinculação Segura

A Tabela 12 apresenta o sumário dos modelos de regressão linear após a entrada de cada um dos blocos de variáveis preditores considerados. O nível de significância associado a cada modelo ($p=.677$, $p=.000$, $p=.000$) mostra que a contribuição das variáveis inseridas nos modelos 2 e 3 é significativa, contribuindo, deste modo, para a predição dos ganhos na dimensão vinculação segura.

Tabela 12- *Sumário da regressão hierárquica para a variável dependente Vinculação Segura*

| Modelo | R ² | R ² ajustado ¹ | F | p | Estatísticas de mudança | | |
|----------------|----------------|---|-------|------|-------------------------|------------|------------|
| | | | | | ΔR^2 | ΔF | Δp |
| 1 ^a | .007 | -.007 | .509 | .677 | .007 | .509 | .677 |
| 2 ^b | .224 | .194 | 7.310 | .000 | .217 | 11.314 | .000 |
| 3 ^c | .313 | .263 | 6.391 | .000 | .089 | 4.231 | .000 |

Variável Dependente: EVA_CO

- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade
- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M
- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M, MPE_P_SOBRE, MPE_M_SOBRE, MPE_P_SE, MPE_M_SE, MPE_P_C_R, MPE_M_C_R

EXT_M= Extroversão; AMAB_M= Amabilidade; CONSC_M= Conscienciosidade; NEUROT_M= Neuroticismo; ABERT_M= Abertura à Experiência; MPE_P_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Suporte Emocional; MPE_M_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Suporte Emocional; MPE_P_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Crítica/Rejeição; MPE_M_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Crítica/Rejeição; MPE_P_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, Escala de Sobreproteção; 16. MPE_M_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, Escala de Sobreproteção.

O primeiro modelo de variáveis (relativo às variáveis sociodemográficas - idade, sexo e nível socioeconómico) explica 1% da variação na vinculação segura. A análise dos coeficientes de regressão não indica nenhum contributo estatisticamente significativo.

O segundo modelo (relativo à escala de traços de personalidade – extroversão, amabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência) explica aproximadamente 22% da variação na vinculação segura. A análise dos coeficientes β indica um contributo estatisticamente significativo das dimensões amabilidade ($\beta=.318$; $p=.000$) e neuroticismo ($\beta=-.295$; $p=.000$).

O terceiro modelo de variáveis que entrou no modelo diz respeito às memórias precoces das práticas educativas parentais, cujo poder explicativo é de aproximadamente 9%. Apesar de reduzido, trata-se, uma vez mais, de um contributo estatisticamente significativo ($p=.000$). A análise dos coeficientes de regressão indica um contributo com significância estatística da amabilidade ($\beta=.244$; $p=.001$), neuroticismo ($\beta=-.281$; $p=.000$) e memórias precoces das práticas educativas paternas de suporte emocional ($\beta=.253$; $p=.007$) nos ganhos na vinculação segura.

Como podemos verificar pela análise dos coeficientes de regressão relativamente a todos os preditores (Tabela 13), as variáveis com valor explicativo significativo, ordenadas por ordem de grandeza do seu valor Beta, são: neuroticismo ($\beta=-.281$; $p=.000$), amabilidade ($\beta=.244$; $p=.001$) e memórias precoces das práticas educativas paternas de suporte emocional ($\beta=.253$; $p=.007$) nos ganhos na Vinculação Segura. A análise destes dados permite-nos afirmar que os sujeitos com mais neuroticismo, amabilidade e memórias precoces das práticas educativas do pai de suporte emocional são aqueles que mais pontuam na dimensão vinculação segura. A variável neuroticismo assume um valor negativo, o que parece indicar uma vinculação menos segura por parte dos indivíduos que mais pontuam nesta dimensão.

Tabela 13 – Coeficientes de regressão para a variável Dependente Vinculação Segura

| Modelos | β | Beta | t | p |
|----------------------|---------|-------|--------|------|
| Idade | .005 | .016 | .225 | .822 |
| Sexo | .533 | .059 | .843 | .400 |
| Nível Socioeconómico | .355 | .054 | .751 | .453 |
| Idade | -.015 | -.048 | -.675 | .500 |
| Sexo | .245 | .027 | .395 | .693 |
| Nível Socioeconómico | .260 | .039 | .603 | .547 |
| EXT_M | .547 | .078 | 1.067 | .287 |
| AMAB_M | 2.965 | .318 | 4.601 | .000 |
| CONSC_M | -.720 | -.094 | -1.209 | .228 |
| NEUROT_M | -1.630 | -.295 | -3.909 | .000 |
| ABERT_M | -.754 | -.093 | -1.319 | .189 |
| Idade | .013 | .043 | .602 | .548 |
| Sexo | -.083 | -.009 | -.135 | .893 |
| Nível Socioeconómico | .090 | .014 | .212 | .833 |
| EXT_M | .570 | .082 | 1.127 | .261 |
| AMAB_M | 2.274 | .244 | 3.539 | .001 |
| CONSC_M | -.973 | -.127 | -1.664 | .098 |
| NEUROT_M | -1.552 | -.281 | -3.711 | .000 |
| ABERT_M | -1.062 | -.131 | -1.890 | .060 |
| MPE_P_SE | .203 | .253 | 2.726 | .007 |
| MPE_M_SE | .096 | .108 | 1.190 | .236 |
| MPE_P_C_R | .086 | .076 | .761 | .448 |
| MPE_M_C_R | -.043 | -.046 | -.447 | .655 |
| MPE_P_SOBRE | -.144 | -.126 | -1.142 | .255 |
| MPE_M_SOBRE | .053 | .048 | .445 | .657 |

Variável Dependente: EVA_CO

- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade
- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M
- Preditores: (Constante), Nível Socioeconómico, Sexo, Idade, EXT_M, AMAB_M, ABERT_M, NEUROT_M, CONSC_M, MPE_P_SOBRE, MPE_M_SOBRE, MPE_P_SE, MPE_M_SE, MPE_P_C_R, MPE_M_C_R

EXT_M= Extroversão; AMAB_M= Amabilidade; CONSC_M= Conscienciosidade; NEUROT_M= Neuroticismo; ABERT_M= Abertura à Experiência; MPE_P_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, escala de Suporte Emocional; MPE_M_SE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, escala de Suporte Emocional; MPE_P_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, escala de Crítica/Rejeição; MPE_M_C_R= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, escala de Crítica/Rejeição; MPE_P_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Paternas, escala de Sobreproteção; 16. MPE_M_SOBRE= Memórias Precoces das Práticas Educativas Maternas, escala de Sobreproteção.

Carolina Silveira
(carol.bett.silveira@hotmail.com)
2020

V – Discussão e Conclusão

A presente investigação teve como objetivo analisar as relações entre os construtos de Vinculação, Bem-Estar Psicológico, Autoestima, Personalidade e Memórias Precoces de Práticas Educativas Parentais com o objetivo de aprofundá-las, ao clarificar o potencial efeito preditor das últimas duas dimensões para a Vinculação e para o Bem-Estar Psicológico. Os resultados desta investigação tiveram por base uma amostra composta por 212 sujeitos, 137 do sexo feminino e 74 do sexo masculino e um sujeito que se identifica com outro tipo, com idades compreendidas entre os 18 e os 71 anos de idade, havendo uma média de idades de 32,5 anos. Em termos de consistência interna das escalas, obtiveram-se resultados bastante satisfatórios em todas as dimensões estudadas, oscilando entre .627 para a dimensão amabilidade da escala de personalidade e .923 para a escala de autoestima.

Na hipótese 1 (*Existem relações de associação entre as dimensões Vinculação, Bem-Estar Psicológico, Autoestima, Personalidade e Memórias Precoces das Práticas Educativas Parentais*) recorreu-se à realização do Coeficiente de Correlação de Pearson, que permite obter um coeficiente de correlação entre variáveis contínuas (Freedman, D., Pisani, R., & Purves, R., 2007). Os resultados sugerem que a vinculação ansiosa está relacionada com menores valores de satisfação na vida e com uma autoestima baixa, sendo esta relação muito significativa. Por outro lado, este tipo de vinculação apresenta-se associado ao neuroticismo elevado e a memórias precoces das práticas educativas da mãe relacionadas com crítica/rejeição. Estas memórias relacionadas com crítica e rejeição por parte da mãe estão também relacionadas com neuroticismo elevado, bem como com uma baixa autoestima. Como se esperava, a autoestima está associada à satisfação com a vida e à conscienciosidade e associa-se negativamente com o neuroticismo, sendo esta última relação muito significativa. Assim, podemos concluir que a hipótese 1 é confirmada na sua globalidade.

Relativamente à hipótese 2 (*Existem diferenças significativas nas dimensões de vinculação, satisfação com a vida, personalidade, autoestima e memórias precoces de práticas educativas parentais em função do sexo*), os resultados propõem que os homens são mais autónomos e abertos à experiência do que as mulheres e que as mulheres apresentam mais neuroticismo do que os homens, assim como mais memórias precoces relativas a sobreproteção do pai e da mãe e mais memórias precoces relacionadas com crítica ou rejeição materna, pelo que podemos concluir que a hipótese 2 foi confirmada parcialmente.

Para a hipótese 3 (*Existem diferenças significativas nas dimensões de vinculação, satisfação com a vida, personalidade, autoestima e memórias precoces de práticas educativas parentais em função do nível socioeconómico*), os resultados sugerem que a satisfação com a vida está relacionada com o nível socioeconómico, assim como a abertura à experiência, sendo que quanto mais elevado o nível socioeconómico maior a satisfação e a abertura à experiência. O nível socioeconómico também sugere diferenciar as memórias precoces relacionadas com a crítica/rejeição materna, sendo que estas memórias tendem a diminuir com o aumento do nível socioeconómico. Esta hipótese foi confirmada apenas parcialmente.

Para a hipótese 4 (*As variáveis de personalidade são melhor preditores da vinculação segura do que as variáveis de natureza sociodemográfica*), os valores confirmam a hipótese, sendo que se evidencia que a personalidade apresenta um valor explicativo superior na explicação do estabelecimento de relações de vinculação segura do que as variáveis sociodemográficas. Para além disso, a amabilidade apresenta um coeficiente de regressão significativo e positivo e o neuroticismo apresenta um coeficiente de relação significativo negativo, pelo que sujeitos neuróticos não tendem a estabelecer relações de vinculação do tipo seguro. A literatura corrobora estes resultados, sendo que vários estudos indicam que uma vinculação segura se correlaciona de forma direta com algumas dimensões da personalidade (extroversão, amabilidade e conscienciosidade) e de forma inversa com a dimensão neuroticismo (e.g., Carver, 1997; Neyer &

Voigt, 2004; Shaver, Billings, Eveleth, & Gilbert, 1996; Shaver & Brennan, 1992; cit in Noftle & Shaver, 2006)

Os resultados apontam no sentido da confirmação da hipótese 5 (*As variáveis das memórias precoces das práticas educativas parentais acrescentam valor preditivo significativo às variáveis de personalidade na explicação da vinculação segura*). As memórias precoces relacionadas com suporte emocional paterno demonstram estar relacionadas com relações de vinculação seguras, ou seja, a percepção de ser apoiado emocionalmente pelo pai na infância e adolescência é mais explicativo do estabelecimento de vinculações seguras na vida adulta do que as variáveis de personalidade.

A hipótese 6 (*As variáveis de personalidade são melhores preditoras da vinculação de proximidade do que as variáveis de natureza sociodemográfica*) também se confirma, uma vez que as dimensões da personalidade revelam um valor preditivo mais significativo da vinculação de proximidade do que as variáveis de natureza sociodemográfica. Os traços de personalidade extroversão e amabilidade apontam-se como os indicadores de personalidade que mais influenciam de forma significativa o estabelecimento de relações de vinculação de proximidade. Assim sendo, a personalidade tem mais influência numa vinculação de proximidade do que os fatores sociodemográficos.

Os resultados do presente estudo confirmam igualmente a hipótese 7 (*As variáveis das memórias precoces das práticas educativas parentais acrescentam valor preditivo significativo às variáveis de personalidade na explicação da vinculação de proximidade*). O suporte emocional do pai, um dos fatores presentes nas memórias precoces das práticas educativas, revelou-se significativo na explicação de vinculações de proximidade, acrescentando valor às variáveis da personalidade.

Os resultados dão suporte à confirmação da hipótese 8 (*As variáveis de personalidade são melhor preditores da vinculação ansiosa do que as variáveis de natureza sociodemográfica*). O neuroticismo tem uma correlação muito significativa com a vinculação ansiosa, ou seja, sujeitos com valores mais

elevados de neuroticismo tendem a estabelecer relações de vinculação ansiosas. Em estudos anteriores, diversos autores descobriram associações entre os cuidados parentais precoces inadequados e vinculações inseguras na idade adulta (e.g., Canavarro, 1999; Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987; Rothbard & Shaver, 1994).

Os resultados da presente investigação sugerem a rejeição da hipótese 9 (*As variáveis das memórias precoces das práticas educativas parentais acrescentam valor preditivo significativo às variáveis de personalidade na explicação da vinculação ansiosa*). As memórias precoces das práticas educativas parentais não revelaram acrescentar valor preditivo às variáveis da personalidade, pelo que as relações de vinculação ansiosas são melhor explicadas pela personalidade do que pelas memórias precoces.

No que diz respeito à hipótese 10 (*As variáveis de personalidade são melhor preditores da satisfação com a vida do que as variáveis de natureza sociodemográfica*), os resultados sugerem a sua confirmação, considerando que as variáveis da personalidade apresentam um valor preditivo da satisfação com a vida superior às variáveis sociodemográficas. A dimensão do neuroticismo é a dimensão da personalidade que contribui com o maior valor na explicação da satisfação com a vida. Estes resultados são corroborados por diferentes estudos que têm revelado a importância da personalidade na satisfação com a vida (Fernandes, 2007; Simões et al., 2003).

Relativamente à hipótese 11 (*As variáveis das memórias precoces das práticas educativas parentais acrescentam valor preditivo significativo às variáveis de personalidade na explicação da satisfação com a vida*), os resultados indicam que o suporte emocional materno e a crítica/rejeição paterna acrescentam valor preditivo às variáveis da personalidade. O suporte emocional materno tem uma correlação significativa na satisfação com a vida, o que significa que memórias precoces relativamente a ser apoiado emocionalmente pela mãe faz com que o sujeito se sinta mais satisfeito com a vida. Por outro lado, a crítica e rejeição paterna tem uma correlação significativa negativa com esta, ou seja, quando

maior a crítica e rejeição paterna, menor será a satisfação com a vida e vice-versa.

A hipótese 12 (*As variáveis de personalidade são melhor preditores da autoestima do que as variáveis de natureza sociodemográfica*) também se confirma. Segundo os resultados obtidos, a extroversão, a conscienciosidade e o neuroticismo dão um maior contributo para a explicação da autoestima do que a idade, o sexo ou o nível socioeconómico. Os valores dos coeficientes de regressão da extroversão e da amabilidade com a autoestima são significativos e positivos, o que significa que participantes com uma autoestima elevada tendem a ter níveis também elevados de amabilidade e extroversão. Por outro lado, a relação entre neuroticismo e autoestima é significativa mas negativa, ou seja, o neuroticismo está interligado com uma baixa autoestima e vice-versa. Para Schmutte & Ryff (1997), existe uma associação positiva do bem-estar psicológico com a autoestima e com traços de personalidade.

Relativamente à hipótese 13 (*As variáveis das memórias precoces das práticas educativas parentais acrescentam valor preditivo significativo às variáveis de personalidade na explicação da autoestima*), os dados sugerem que as memórias precoces de crítica ou rejeição por parte da mãe poderá ter implicações na autoestima do adulto, revelando que esta é mais baixa quando existem memórias precoces de crítica ou rejeição por parte da mãe.

Como pontos fortes deste estudo podemos referir que nesta investigação se estudam diversas variáveis, nomeadamente memórias precoces das práticas educativas parentais, sobre as quais ainda existem poucos estudos. Podemos ainda referir que a amostra é diversificada, havendo participantes com idades muito distintas, com diversos níveis socioeconómicos e profissões e os instrumentos apresentam boas qualidades psicométricas. Como limitações salienta-se o facto de a amostra não ser representativa da população por apresentar um número reduzido e não ser uma amostra aleatória. Para além disso, outra limitação prende-se com os questionários, uma vez que são todos

de autorresposta e as respostas podem alterar-se devido ao estado emocional do inquirido aquando da sua resposta aos questionários.

As conclusões presentes neste estudo serão fundamentais no contexto da intervenção psicológica, no sentido em que se confirma que as memórias precoces das práticas educativas parentais interferem no bem-estar psicológico do indivíduo (satisfação com a vida e autoestima), sendo que as memórias precoces de crítica e rejeição materna são as que mais se destacam. Para além disso, as memórias precoces demonstram ter impacto nas relações de vinculação estabelecidas na vida adulta. Deste modo, para trabalhar a qualidade de vida do sujeito e as suas relações afetivas faz sentido dar importância à sua perceção relativamente às práticas educativas parentais precoces.

Em investigações futuras, seria pertinente que na recolha de dados não se utilizasse instrumentos apenas de autorresposta. Uma amostra maior e mais representativa da população seria o ideal para obter resultados mais representativos da população, possibilitando uma maior generalização das conclusões que resultaram da presente investigação.

Referências Bibliográficas

- Barros, L., Goes, A. R., & Pereira, A. I. (2015). Parental self-regulation, emotional regulation and temperament: Implications for intervention. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 32(2), 295-306. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2015000200013>
- Barroso, R. G., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52(1), p. 211-229. https://doi.org/10.14195/1647-8606_52-1_10
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7(2), 147-178. <https://doi.org/10.1177/0265407590072001>
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226–244. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.2.226>
- Bifulco, A., Moran, P. M., Ball, C., & Lillie, A. (2002). Adult attachment style. II: Its relationship to psychosocial depressive-vulnerability. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology: The International Journal for Research in Social and Genetic Epidemiology and Mental Health Services*, 37(2), 60–67. <https://doi.org/10.1007/s127-002-8216-x>
- Bowlby, J. (1956). The growth of independence in the young child. *Royal Society of Health Journal*, 76, 587-591.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-Child attachment and Healthy Human Development*. New York: Basic Books
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: Retrospect and prospect. *American Journal of Orthopsychiatry*, 52(4), 664–678.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss – vol.II, Separation, anxiety and anger* [trad. bras. Separação - angústia e raiva, São Paulo: Martins Fontes, 1998]

- Both, L. E., & Best, L. A. (2017). A comparison of two attachment measures in relation to personality factors and facets. *Personality and Individual Differences, 112*, 1–5. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.02.040>
- Brennan, K. A., Clark, C. L., Shaver, P. R. (1988). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview. In: J. A. Simpson & W.S. Rholes, editors. *Attachment theory and close relationships* (pp. 46–76). New York: Guilford.
- Brown, J. D., & Marshall, M. A. (2006). The three faces of self-esteem. In M. Kernis (Ed.), *Self-esteem: Issues and answers* (pp. 4-9). New York: Psychology Press.
- Canavarro, M. C. (1996). Avaliação das práticas educativas através do EMBU: Estudos psicométricos. *Psychologica, 16*, 5-18.
- Canavarro, M., Dias, P., & Lima, V. (2006). A Avaliação da Vinculação do Adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale- R (AAS- R) na população portuguesa. *Psicologia Online, 20*(1), 155-186. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v20i1.381>
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afectivas ao longo do ciclo de vida e saúde mental*. Coimbra: Quarteto
- Canavarro, M. C. (1997). *Relações afectivas ao longo do ciclo de vida e saúde mental* (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na população portuguesa. *Psicologia, XX*(1), 11-36.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*(4), 644–663. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.4.644>
- Chen, W., Zhang, D., Pan, Y., Hu, T., Liu, G., & Luo, S. (2017). Perceived social support and self-esteem as mediators of the relationship between parental attachment and life satisfaction among Chinese adolescents. *Personality and Individual Differences, 108*, 98–102. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.12.009>

- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Donnellan, M., Trzesniewski, K., Robins, R., Moffitt, T., & Caspi, A. (2005). Low self-esteem is related to aggression, antisocial behavior, and delinquency. *Psychological Science, 16*, 328-335.
- Duschinsky, R. (2018). Disorganization, fear and attachment: Working towards clarification. *Infant Mental Health Journal, 39*(1), 17-29. <https://doi.org/10.1002/imhj.21689>
- Emídio, R., Santos, A. J., Maia, J., Monteiro, L., & Veríssimo, M. (2008). Auto-conceito e aceitação pelos pares no final do período pré-escolar. *Análise psicológica, 26* (3), 491-499.
- Fernandes, H. (2007). *O bem-estar psicológico em adolescentes, uma abordagem centrada no florescimento humano*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Fox, N. A. (1995). Of the way we were: Adult memories about attachment experiences and their role in determining infant-parent relationships: A commentary on van IJzendoorn (1995). *Psychological Bulletin, 117*(3), 404–410. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.117.3.404>
- Freedman, D., Pisani, R., & Purves, R. (2007). Statistics (international student edition). *Pisani, R. Purves, 4th Edn. WW Norton & amp; Company, New York*.
- Guedeney, N. & Guedeney, A. (Eds.). (2004). *Vinculação: conceitos e aplicações*. Climepsi Editores: Lisboa.
- Goodvin, R., Meyer, S., Thompson, R. A., & Hayes, R. (2008). Self-understanding in early childhood: Associations with child attachment security and maternal negative affect. *Attachment & Human Development, 10*(4), 433–450. <https://doi.org/10.1080/14616730802461466>
- Heatheron, T.F. & Wyland, C.L. (2003). Assessing self-esteem. In Lopez. J. Shane & C. R. Snyder (Eds), *Positive psychological assessment: A handbook of models and measures* (pp. 219-233). Washington, DC, US: American Psychological Association.

- Kerr, S. L., Melley, A. M., Travea, L., & Pole, M. (2003). The relationship of emotional expression and experience to adult attachment style. *Individual Differences Research*, 1, 108–123.
- Machado, T. S. (2009). Vinculação aos pais: retorno às origens. *Psicologia, Educação e Cultura*, XIII (1), 139-156.
- Marrero-Quevedo, R. J., Blanco-Hernández, P. J., & Hernández-Cabrera, J. A.. (2018). Adult Attachment and Psychological Well-Being: The Mediating Role of Personality. *Journal of Adult Development*, 26, 41–56.
- Machado, W.L., & Bandeira, D.R. (2012). Bem-estar psicológico: definição, avaliação e principais correlatos. *Estudos de Psicologia*, 29 (4), 587-595.
- Melo, O. S., & Mota, C.P. (2014). Protótipos de vinculação amorosa: Bem-estar psicológico e psicopatologia em jovens de famílias intactas e divorciadas. *Análise Psicológica*, 32(3), 307-322. <http://dx.doi.org/10.14417/ap.718>
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2009). An attachment and behavioral systems perspective on social support. *Journal of Social and Personal Relationships*, 26(1), 7–19. <https://doi.org/10.1177/0265407509105518>
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2013). *Attachment orientations and meaning in life*. In J. A. Hicks & C. Routledge (Eds.), *The experience of meaning in life: Classical perspectives, emerging themes, and controversies* (pp. 287–304). Springer Science + Business Media. https://doi.org/10.1007/978-94-007-6527-6_22
- Molero, F., Shaver, P., Fernández, I., & Recio, P. (2017). Attachment insecurities, life satisfaction, and relationship satisfaction from a dyadic perspective: The role of positive and negative affect. *European Journal of Social Psychology*, 47, 337–347. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2276>
- Noftle, E. E., & Shaver, P. R. (2006). Attachment dimensions and the big five personality traits: Associations and comparative ability to predict relationship quality. *Journal of Research in Personality*, 40, 179-208. doi: 10.1016/j.jrp.2004.11.003

- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill Inc.
- Pallant, J. (2005). *SPSS Survival Guide A Step by Step Guide to Data Analysis Using SPSS for Windows*. 3rd Edition, Open University Press, New York.
- Peterson, C., Smorti, A. & Tani, F. (2008). Parental Influences on earliest memories. *Memory*, 16(6), 569-578.
- Peterson, C. & Nguyen, D. (2010). Parent-Child relationship quality and infantile amnesia in adults. *British Journal of Psychology*, 101(4), 719- 737.
<https://doi.org/10.1348/000712609X482948>
- Peixoto, F., & Almeida, L. S. (1999). Escala de Auto-conceito e Auto-estima. In A. P. Soares, S. Araújo, & S. Caires (Eds.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (Vol. 6, pp. 632- 640). Braga, Portugal: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Pinto, M. (2009). *Intimidade em adolescentes de diferentes grupos étnicos*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- Queiroz, N., & Neri, A. (2005). Bem-estar psicológico e inteligência emocional entre homens e mulheres na meia idade e na velhice. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), pp. 292-299. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000200018>
- Ramos, M. (2014). Adaptação para uma população de estudantes universitários portugueses da escala de auto-estima de estado de Heatherton e Polivy. *Revista Psicologia*, 28 (1), 33-38
- Relvas, A. P. & Alarcão, M. (2002). *Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Rocha, Mota & Matos, 2011, M., Mota, C. P., & Matos, P. M. (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: O papel mediador da auto-estima. *Análise Psicológica*, 29(2), 185-200.
- Ryff, C. D., & Keyes, C. L. M. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(4), 719–727.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.69.4.719>

- Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(6), 1069–1081. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.57.6.1069>
- Ryff, C. D. (2014). Psychological well-being revisited: Advances in science and practice of Eudaimonia. *Psychotherapy and Psychosomatics*, 83, 10–28. <https://doi.org/10.1159/000353263>
- Ryff, C. D., & Singer, B. H. (2008). Know thyself and become what you are: A Eudaimonic approach to Psychological Well Being. *Journal of Happiness Studies*, 9, 13–39. DOI: [10.1007/s10902-006-9019-0](https://doi.org/10.1007/s10902-006-9019-0)
- Schmutte, P. S., & Ryff, C. D. (1997). Personality and well-being: Reexamining methods and meanings. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73(3), 549–559. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.73.3.549>
- Simões, A ., Ferreira, J. A., Lima, M. P., Pinheiro, M.R., Vieira, C. M. C., Matos, A . P. M., & Oliveira, A . L. (2003). O bem-estar subjectivo dos adultos: Um estudo transversal. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXVII (1), 5-30.
- Sirois, F. M., Millings, A., & Hirsch, J. K. (2016). Insecure attachment orientation and well-being in emerging adults: The roles of perceived social support and fatigue. *Personality and Individual Differences*, 101, 318–321. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.06.026>
- Tani, F., Bonechi, A., Peterson, C. & Smorti, A. (2010) Parental influences on memories of parents and friends, *The Journal of Genetic Psychology*, 171(4), 300-329, <https://doi.org/10.1080/00221325.2010.503976>
- Verschueren, K., Marcoen, A., & Schoefs, V. (1996). The internal working model of the self, attachment, and competence in five-year-olds. *Child Development*, 67(5), 2493–2511. <https://doi.org/10.2307/1131636>
- Wei, M., Mallinckrodt, B., Larson, L. M., & Zakalik, R. A. (2005). Adult attachment, depressive symptoms, and validation from self versus others. *Journal of Counseling Psychology*, 52(3), 368–377. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.52.3.368>